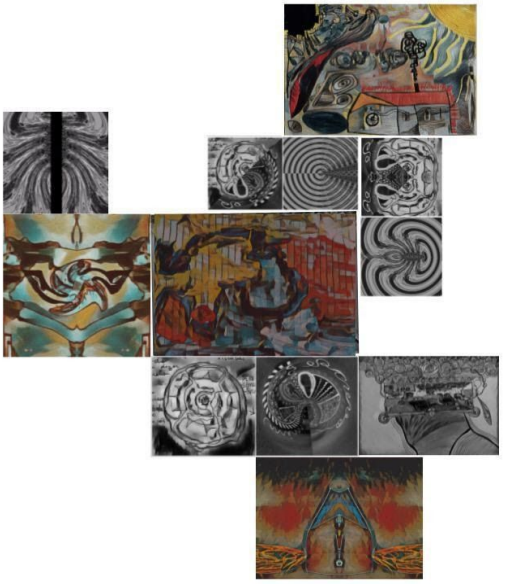
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE**
**ESCOLA DE TEATRO E DANÇA**
**CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

MATHEUS LUAN FREITAS DE AMORIM



# COSMOVISÃO, PROCESSO DE CRIAÇÃO E ESCRITA DE SI: (DES) CAMINHOS PARA SENTIR O MUNDO.

Belém
2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE**
**ESCOLA DE TEATRO E DANÇA**
**CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**MATHEUS LUAN FREITAS DE AMORIM**

# COSMOVISÃO, PROCESSO DE CRIAÇÃO E ESCRITA DE SI:
# **(DES) CAMINHOS PARA SENTIR O MUNDO.**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada à Escola de Teatro e Dança da UFPA, como quesito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Teatro.
**Orientador:** Prof. Me. Aníbal José Pacha Correia

Belém
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**
**Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

---

A524c Amorim, Matheus Luan Freitas de

Cosmovisão, processo de criação e escrita de si: (des) caminhos para sentir o mundo / Matheus Luan Freitas de Amorim.

Orientador Profº Dr. Aníbal José Pacha Correia.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2021.

1. Teatro – Processo de criação. 2. Arte narrativa. 3. Teatro – Cosmologia. 4. Dramaturgia. 5. Memória. I. Título.

CDD - 23. ed. 792.1

---

**Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS DA ARTE

**ATA Nº 209 / 2021 - ICA (11.31)**

**Nº do Protocolo: 23073.005902/2021-17**

**Belém-PA, 26 de fevereiro de 2021.**

## ATA DE AFERIÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 23 (vinte e três) dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e um, às 9h (nove horas), reuniu-se via *Google Meet*, a Banca Examinadora composta pelos docentes: Prof. Me. Anibal José Pacha Correia (Orientador e Presidente de Banca), Profª. M.ª Claudia do Socorro Gomes da Silva (Avaliadora Interna) e Profª. Dr.ª Adriana Maria Cruz dos Santos (Avaliadora Interna), para avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do discente **MATHEUS LUAN FREITAS DE AMORIM**, intitulado: "Processo de Criação, Escrita de Si e Cosmovisão: (Des) Caminhos para sentir o mundo".
Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado: O trabalho foi APROVADO com conceito EXCELENTE com as seguintes observações: sem correções indicadas pela banca examinadora e sem modificações. Indicação para publicação na integra do trabalho. E após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 23 de fevereiro de 2021.

Prof. Me. Anibal José Pacha Correia - Orientador e Presidente de Banca
Profª. M.ª Claudia do Socorro Gomes da Silva - Avaliadora Interna
Profª. Drª. Adriana Maria Cruz dos Santos - Avaliadora Interna

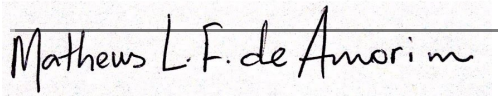
***(Assinado digitalmente em 02/03/2021 13:57 )***
ADRIANA MARIA CRUZ DOS SANTOS
*PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO*
*ICA (11.31)*
*Matrícula: 2145505*

***(Assinado digitalmente em 02/03/2021 09:23 )***
ANIBAL JOSE PACHA CORREIA
*PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO*
*ICA (11.31)*
*Matrícula: 1808615*

***(Assinado digitalmente em 02/03/2021 00:18 )***
CLAUDIA DO SOCORRO GOMES DA SILVA
*PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR*
*ICA (11.31)*
*Matrícula: 2178291*

Para verificar a autenticidade deste documento entre em **https://sipac.ufpa.br/public/documentos/index.jsp** informando seu número: **209**, ano: **2021**, tipo: **ATA**, data de emissão: **26/02/2021** e o código de verificação: **88e5eeedb0**

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: 

*Matheus Luan Freitas de Amorim*

Local e Data: Belém, de de 2021.

*Dedico este trabalho aos méritos de Cristo, à minha família que incansavelmente apoia-me nesta jornada e a todos que fizeram parte desta caminhada até aqui. É só o começo!*

## AGRADECIMENTOS

Eu agradeço.

A Cristo por cada momento de abrigo nessa jornada, por cada instante de graça, inspiração e perdão, por todo impulso, lágrima, suor e criação!

A minha família por todo amor e cuidado, pelos momentos de comunhão, de afeto e alegria. A todas as mulheres de minha casa, em especial à minha mãe Débora Freitas por ser alegria, segurança e compreensão, à minha avó Conceição Rocha pela rica semelhança desse laço eterno, à minha tia Alzira Santos pelo companheirismo e atenção repletos de carinho, à minha bisavó Ana Cardoso, pela sabedoria, pelos conselhos e todo amor. Ao meu avô Gilberto Rocha por toda força e zelo, ao meu padrasto Jorge Rodrigues pelo apoio e atenção, e ao meu bisavô Osvaldino Cardoso, pelas palavras e rezas, em toda sua sabedoria e trajetória que me inspira e me ensina!

Aos amigos, colegas e comunidade pelos momentos de troca, de escuta e aprendizados, pelas vivências e experiências de fé na jornada.

Ao movimento Negro, composto por todo tipo de pele irmã, pelas redes de conexão e saber, pelas lutas e aberturas de espaço, pela ancestralidade, memória e resistência!

Aos professores desse processo de graduação, á todos, obrigado! Em especial ao meu orientador, professor Aníbal Pacha, à minha banca, composta pelas professoras Adriana Cruz e Cláudia Gomes. Ao professor Paulo Santana, professora Ana Luiza Firmeza, professora Andréia Flores, Larissa Latif e Marluce Oliveira e Karine Jansen. Gratidão por todo ensino e por cada compartilhamento.

Ao Movimento República de Emaús por possibilitar um espaço de desenvolvimento, de busca por encontro e luta através também da arte, à todo processo de socialização e aos alunos do teatro Juvenil Cria que tanto me ensinaram sobre janelas para o mundo!

Viva o Mestre Irineu! Viva a Força! Viva São Lázaro!

Epa Epa Babá! Atotô Obaluayê!

Meus sinceros agradecimentos!

## RESUMO

O presente trabalho reflete acerca de um processo de criação em escrita de si, apresentando o entrelaçamento deste campo com a cosmovisão, desenvolvendo para tanto um olhar de memória crítica sobre a trajetória e os caminhos para se perceber e construir um pensamento, bem como uma relação de rearranjo com a realidade dentro do processo de criação e pesquisa dessa escrita. O trabalho também se constrói dentro de uma narrativa não linear do processo, ativando atravessamentos e vivências com espaços informais de educação, leituras, autores e pensamentos que compõem um (des) caminho de busca pelo modo de se fazer. Através desse movimento de criação deseja-se apresentar, refletir e fazer emergir um modo de construção do processo, do pensamento acadêmico e artístico que tenha como lugar de disparo a própria escrita de si imbuída de sua visão de mundo, desdobrada também em desenhos e pinturas presentes no corpo desta obra. Trata-se, portanto, de um grande ensaio sobre escrita, cosmovisão e processo de criação.



**Palavras-chave:** Escrita de si. Memória. Cosmovisão. Processo de Criação.

## RESUMEN

El presente trabajo busca reflexionar sobre un proceso de creación en la propia escritura, presentando el entrelazamiento de este campo con la cosmovisión, desarrollando para ello una mirada crítica de memoria a la trayectoria y las formas de percibir y construir un pensamiento, así como un Reordenamiento de la relación con la realidad dentro del proceso de creación e investigación de este escrito. La obra también se construye dentro de una narrativa no lineal del proceso, activando cruces y vivencias con espacios informales de educación, lecturas, autores y pensamientos que configuran un camino de búsqueda de cómo hacerlo. A través de este movimiento de creación, se desea presentar, reflexionar y emerger una manera de construir el proceso, del pensamiento académico y artístico que tiene como punto gatillo la propia escritura de sí misma imbuida de su cosmovisión, también desplegada en dibujos y pinturas. presente en el cuerpo de esta obra. Por tanto, es un gran ensayo sobre la escritura, la cosmovisión y el proceso creativo.



**Palabras clave:** Autoescritura. Memoria. Cosmovisión. Proceso de creación.

## LISTA DE IMAGENS

**Imagem 1.** Janelas para ver o mundo. Capa do trabalho. Montagem dos desenhos que compõem o corpo da escrita. Arquivo pessoal do pesquisador……..CAPA

**Imagem 2.** Garrancho Emanuel. Colagem digitalizada. Arquivo pessoal do pesquisador……13

**Imagem 3.** O Coração Moinho. Desenho digitalizado. Arquivo pessoal do pesquisador……17

**Imagem 4.** A dança da criação. Desenho digitalizado. Arquivo pessoal do pesquisador……21

**Imagem 5.** Duo espiral sobre a pele. Desenho digitalizado. Arquivo pessoal do pesquisador……...27

**Imagem 6.** Duo espiral sobre o poeta dentro do profeta. Desenho digitalizado. Arquivo pessoal do pesquisador…….....……...31

**Imagem 7.** Olhos do Espírito. Desenho digitalizado. Arquivo pessoal do pesquisador……...34

**Imagem 8.** Raposa Miguel. Pintura digitalizada. Arquivo pessoal do pesquisador...43

**Imagem 9.** Duo espiral sobre pontos de tensão. Desenho digitalizado Arquivo pessoal do pesquisador……..…….....50

**Imagem 10.** Olhando para fora. Colagem digitalizada. Arquivo pessoal do pesquisador……53

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO……...11**

**SESSÃO I- O PORQUÊ DA ESCRITA……14**

1.1. TRAJETÓRIA E MEMÓRIA DE UMA ESCRITA……14

1.2. A COSMOVISÃO: O CORAÇÃO MOINHO DA ESCRITA……18

1.3. A CRIAÇÃO DIVINA: O SUB CRIADOR, O MUNDO PRIMÁRIO E O SECUNDÁRIO ARTÍSTICO……...23

**SESSÃO II- O QUÊ DA ESCRITA……29**

2.1. O CORPO, A PELE E O LUGAR DA ESCRITA……...29

2.2. O PROFÉTICO, O POÉTICO E O POLÍTICO NA ESCRITA……33

2.3. SOBERANIA E DISCERNIMENTO NA ESCRITA……...36

**SESSÃO III- O COMO DA ESCRITA……...46**

3.1. A ESCRITA DE SI……46

3.2. A ESCRITA DE SI COMO UM (DES) CAMINHO DE RUPTURA NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO E DA PESQUISA……...53

3.3. PENSAR ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO: UMA RELAÇÃO ENTRE OS MUNDOS DA VIDA E A ESCRITA DE SI……...56

**CONCLUSÃO……67**

**REFERÊNCIAS……69**

## INTRODUÇÃO

Antes de tudo, trata-se da vida em processo de investigação contínua, do debruçar-se para olhar o mundo sobre a perspectiva de quem também deseja escrevê-lo. Por isso as imagens, os desenhos digitalizados, as pinturas abrindo cada nova sessão, refugiando no papel o imaginário do processo, consolidando esse lugar de dentro da pesquisa. Os desenhos foram feitos entre os atos de escrita, durante o processo de maturação do corpo do texto e dos pensamentos que estão dentro deste trabalho. Cada imagem busca de algum modo expressar uma visão simbólica do ato expresso no corpo desta obra, como sendo um próprio membro. Os desenhos não são uma tentativa de complementar as palavras escritas, mas de afirmar esse lugar da imagem, do próprio desenho, como sendo também um ato da escrita.

Os desenhos carregam em suas formas abstratas, distorcidas, remendadas, do preto ao branco, do amarelo queimado ao verde musgo a intenção de perceber quais os lugares possíveis de expressão do pensamento e dos impulsos internos de um indivíduo quando trata-se de desvendar seu próprio processo de pesquisa, criação e escrita. São eles ainda as partes indizíveis das palavras não escritas aqui, uma tentativa de ramificação em potência do pensamento deste trabalho.

A presente escrita decide levantar temáticas a respeito da memória crítica e aproxima-se de Ailton Krenak para compor esse lugar que acaba por resgatar no processo a necessidade de compreender um conceito de cosmovisão. Ao lado então de James Sire e David Naugle essas questões são apresentadas para construir ainda na primeira parte desta pesquisa um olhar próprio a respeito dos princípios de criação e sub criador, desenvolvidos a partir do olhar de Francis Schaeffer e J. R. R. Tolkien.

Existe aqui a necessidade de criar uma conexão própria para com os conceitos, pensamentos e modos de significar desses autores, que está para além de simplesmente ligar seus sistemas de pensamento e cobrir seus pontos de enunciação num pedaço de papel, mas de encarar cada um deles como um universo que se toca e se experimenta de distintas formas. Por isso também a minha escrita se encontra com Sônia Rangel para descobrir o pensamento como o primeiro lugar do processo de criação, abrindo a possibilidade de olhar para o corpo ao lado Lygia

Clark e assim poder discuti-lo como esse lugar onde a escrita acontece e de onde ela afirma suas intenções e motivações básicas. Desvela-se então juntamente à breve, mas significativa passagem do Comitê Invisível[1] Dentro dessa escrita um discurso de luta, de escuta e de articulação contra os sistemas e aparelhos de opressão social, nesse tocante também aproximo-me de Achille Mbembe para pensar a respeito da soberania demarcada pelas estruturas de poder, fechando assim a segunda parte deste trabalho.

Essa articulação possibilita a abertura da última parte desta escrita que decide refletir a respeito da escrita de si pensada dentro das investigações de Michael Foucault, identificando esse processo de exercício dimensionado pelo autor, dentro dos escritos de meu *blog* pessoal e trazendo-os como exemplificação dessa escrita. A partir disso o trabalho faz um salto disruptivo para pensar a respeito da escrita dentro da academia, bem como do processo de pesquisa nesse lugar e das suas possibilidades, resistências e tensionamentos, para tanto, buscam-se pelos ensinamentos de Bell Hooks a respeito de pensar esse lugar da teorização.

No ritmo estabelecido chegasse a apresentação e relação do processo tanto de escrita e pesquisa, como de identificação de outros modos de movimentar-se nesse lugar, para com os espaços informais e não formais de educação, traçando juntamente com Maria da Glória M. Gohn um possível olhar sobre esta relação e estes lugares, bem como uma crítica a respeito do que significa e implica a existência de espaços formais de educação e de como o modelo formal simboliza também um agente maior no campo político e estrutural e de como estas relações representam e apresentam aspectos opressores que são atravessados por colonialidades, para isso convido e desenvolvo ao lado de Marc Augé e Aníbal Quijano uma série de questionamentos e tensionamentos possíveis para afirmar a insuficiência da forma e do modo mecânico de ensino, de encontro, de processo e vida. Termino então a última parte desta pesquisa encontrando com Paulo Freire para acender novamente o movimento da palavra, da escuta e da luta como sendo esse lugar incansavelmente libertador que possibilita enxergar a realidade a partir de outras óticas. Janelas para o mundo.

---

[1] Grupo de autores e autoras de diversos continentes que publicam livros na invisibilidade de um único autor. Título da obra: Aos nossos Amigos: Crise e Insurreição, publicado em 2014 pela editora N-1 Edições.

# 1. O PORQUÊ DA ESCRITA

## 1.1. TRAJETÓRIA E MEMÓRIA DE UMA ESCRITA

**Imagem 2 - Garrancho Emanuel. Colagem digitalizada.**



**Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.**

Começo esclarecendo algumas questões relacionadas a minha trajetória em seu contato com a escrita. Desde pequeno escrever era um ato importante, na educação que recebi de minha mãe e avó. A letra dizia muito sobre a pessoa, por isso minha mãe exigia que ela fosse bonita, arrumada, essa letra não podia estar caída, havia de estar na linha. Às vezes eu ficava minutos olhando para o papel tentando imaginar e me perguntava, como começar essa letra? De cima, de baixo, ou pelo meio? Por onde meu traço deve cortar, onde a perna da letra finaliza para iniciar a outra? Pensando bem, acredito que ainda me pergunto isso todas as vezes que me ponho a escrever, talvez essas perguntas também revelam algo sobre como penso minha escrita e como invento esse meu processo.

Olhava minha avó escrever e tentava imitar a letra dela, dizia para mim mesmo que precisava escrever como ela, mas minha mãe sempre dizia que cada um encontra a sua letra e que por enquanto eu deveria seguir a da cartilha de caligrafia, seguir aquele modelo, era assim que eu iria achar a perna do “a’’, o seu acento, o seu tio. Fui aprendendo aos poucos a retirar o peso e a força da mão para escrever, aprendendo que isso marcava as páginas do caderno e me cansava mais rápido, pois quando abria a mão ela estava dormente, doída, a palma branca, os

dedos cansados. O que era aquilo, porque tamanha força para separar em sílabas, porque aquela respiração profunda ao término de cada frase? São perguntas que me faço agora enquanto escrevo evocando a memória de algum canto em mim, para trazer do fundo essa infância que me é tão cara para esse lugar de onde estou a escrever, desse lugar que junto a esta pesquisa desejo descobrir.

Inicio então juntamente com Ailton Krenak (2020) uma pequena reflexão a respeito de memória, percebendo que ela, aqui neste momento da pesquisa é algo que inclusive escapa a minha própria observação. Isso me é surpreendente, principalmente quando consigo alcançar um sentido de memória ativa; agindo no instante em que começo a escrever, a trazer à tona fragmentos, sentelhas, rápidas passagens de imagens pela mente, e de como isso vai integrando a história que estou a contar, esta percepção é surpreendente pelo fato de me apresentar uma capacidade de ação e reação, reajo a ela não deixando que ela me escape sem que antes construa em mim pontes para desvelar o pensamento de minha escrita.

Com isso em processo, admito que meus primeiros contatos com a escrita não foram de um grande interesse, até porque eu ainda estava tentando compreender o motivo pelo qual escrevia tanto, isso se perdura até aqui. Nas birras da infância por não querer fazer os deveres da escola, minha mãe dizia: “vai escrever que um dia tu vai precisar disso, menino”, lembro que às vezes quando estava com muita preguiça isso era visível na minha letra, era como se ela retratasse todo o meu estado, minha letra era meu corpo exposto nas linhas do caderno, era um completo garrancho, aí a mamãe tirava o caderno da escola e trazia o de caligrafia e me fazia escrever até a minha letra melhorar, até o garrancho sair, até o garrancho me deixar, mas é que às vezes eu queria o garrancho, queria aquela letra fora da linha, hoje talvez eu faça menos esforço para deixar o garrancho, minha letra mudou, mas o garrancho me acompanha, está junto, é uma parte e sempre que aparece eu me lembro de onde ele vem. Carrego inclusive uma pequena marca dos cadernos de caligrafia, da força com que segurava o lápis, no meu dedo médio da mão direita, um calo, um atravessamento da escrita, de histórias e momentos da infância, que a memória me possibilita revisitar e reescrever

Houve um momento que a caligrafia deixou de ser ordenada pela mamãe e se tornou algo que eu mesmo me cobrava por fazer, havia virado um gosto, colecionar cadernos de caligrafia, lembro que eu ficava observando a letra dos meus colegas de sala e gostava de sentar perto de quem tinha a letra bonita, é sério e engraçado

ao mesmo tempo perceber como as formas com que aprendemos a lidar com determinadas situações acabam transformando nossa maneira de nos relacionarmos com o mundo que nos cerca, com a realidade a nossa volta. Junto de Krenak (idem) vou percebendo também como eu, sujeito dessa memória ativa acabo percebendo ao longo de minha trajetória uma produção de necessidade mediante as formas de relação que alimentei familiarmente e de como isso se refletia nas maneiras como lidei com o mundo externo ao meu lar, nesse sentido produzi e devo continuar produzindo expectativas em relação a própria vida que parecem ser necessidades, quando na verdade são uma construção enraizada que se movimenta, alterando-me, tanto que agora consigo olhar para isso pela via de uma memória crítica. De certo modo ainda hoje olho para as letras escritas de alguém, mas não as julgo, nem quero me afastar delas, essas ranhuras de relações da infância se desgastam com o tempo e possibilitam novas maneiras de se colocar no mundo, mas de todo modo alguma coisa se revela, um sentimento, emoção, impressão, porque ali no papel esta parte de uma história, uma letra com suas pernas, olhos e traços, isso deve possuir algum significado.

Quando comecei  a ter aulas de redação acredito que foi o momento onde consegui olhar para a escrita de uma outra maneira, uma das professoras que tive na sexta série fazia muitas perguntas sobre a vida dos alunos, o que gostávamos de comer, de brincar, de assistir, perguntava a respeito de momentos tristes e alegres, contava uma história do seu dia a dia, normalmente sobre  a sua filha e de como ela lutava para que ela também gostasse de escrever, ela falava algumas coisas que só depois de muito tempo, por meio desse movimento da memória ativa e crítica que produz uma ação e reação é que consegui entender, ela dizia que quem escreve consegue olhar as coisas de uma forma diferente, naquele momento eu só ouvi, mas não alcancei um sentido, hoje, aqui, traçando uma busca enquanto escrevo, percebo, olho as coisas de uma forma diferente, e às vezes não sei se isso é angustiante ou de certa forma libertador, talvez seja nem um, nem outro ou ainda pode ser os dois ao mesmo tempo.

Depois dela contar histórias ou notícias nos pedia para escrever um segredo, ou uma carta, algo que mais ninguém soubesse sobre nós, muita gente achava aquilo engraçado, ou chato, muitos na verdade não ligavam, mas de alguma maneira eu me sentia envolvido, aquilo me fazia escrever, desabafar. Mesmo eu não tendo muita certeza do que aquilo significava, eu sabia que ultrapassava a questão

de uma disciplina da escola, não sei porque, mas via um espaço onde eu podia mostrar coisas, escrever sobre questões que talvez eu não tivesse coragem de dizer naquela época, questões tão profundas que mesmo agora parecem-me invadir mais uma vez, é como se eu ainda fosse aquela criança, escrevendo seus segredos e sentimentos num papel e quando eu tiver que ler em voz alta talvez tudo isso me envolva novamente, essa reação que possuo enquanto escrevo me mostra o quanto essa trajetória parece ser um pano de fundo para todo o processamento de minha pesquisa.

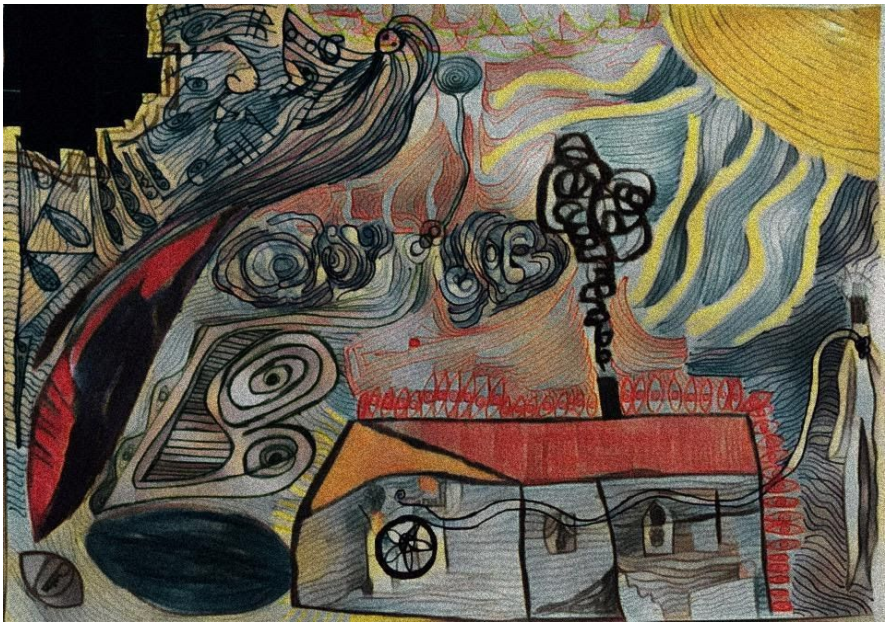
No final de algumas aulas, quando lia o texto em voz baixa antes de entregar para a professora, tinha medo do que ela poderia dizer ou querer fazer, às vezes não entregava, era como se de fato estivesse entregando uma parte minha, uma intimidade, como quando escrevi a respeito do que sentia quando os meninos da turma tiravam certas brincadeiras e piadas comigo sobre minhas orelhas e meu jeito de falar, sobre a minha calça, sobre como todos os dias eu pensava no caminho até a escola em só não entrar lá, continuar caminhando, o dia inteiro até dar a hora de voltar para casa. Na primeira vez que escrevi sobre isso na aula de redação, eu não entreguei, amassei e joguei dentro da mochila, disse a professora que não havia feito, mas aquilo que eu senti ao fazer, bem aquilo tinha sido incrível, me esvaziou, eu contei, bem alto, de um modo que só eu escutei, me trouxe paz, então comecei a fazer isso diariamente para mim mesmo, era sempre o mesmo movimento, escrevia, amassava e jogava fora, tinha raiva, vergonha, um turbilhão de sentimentos e sensações que ainda busco colocar no lugar até hoje. Esse movimento que me traz a memória, possibilita-me ver a potência escondida por entre minha trajetória que agora faço emergir neste processo. A questão talvez seja que ao pensar sobre isso percebo que meus primeiros movimentos na escrita foram a respeito daquilo que se passava comigo, poesias, letras que um dia pensei em transformar em música, umas até cantei sozinho, outras lia bem baixo, mas acabei de determinada maneira me envolvendo nesse movimento da escrita, desse lugar que ela esquadrinha até hoje em mim.

Trago à memória também as feiras de ciência da minha escola de ensino fundamental, era o momento mais competitivo entre as turmas, no ano de 2011 como representante da minha classe eu precisava pensar nas apresentações junto com os alunos e o professor, no tempo que cada grupo ia falar, o que iam trazer, isso para mim era incrível, era como estar criando um mundo, onde as pessoas iriam

entrar e ouvir a respeito de algo que talvez nunca tivessem escutado, eu levava muito a sério aquilo, escrevia coisas relacionadas ao grupo, listas, ideias, as apresentações tinham alguns roteiros improvisados que eu fazia para que a gente não se perdesse e soubesse a hora de entrar e dar a nossa fala. Acredito que ali tive minha primeira experiência com alguma espécie de dramaturgia, de um texto que deveria ser seguido para uma apresentação, organizar falas, tempos, momentos, ao longo dos anos essa prática era frequente com os outros trabalhos em grupos, seminários, eventos de turma. Tenho certeza que isso ocupou um espaço em mim que reverbera até aqui, nesse momento enquanto escrevo. Minha pesquisa tem por intenção um caminho a princípio de reflexão a respeito do motivo de minha escrita, do como escrevo e do que escrevo, desvelando as partes desse processo que constituem minha escrita e a mim.

## 1.2 A COSMOVISÃO: O CORAÇÃO MOINHO DA ESCRITA

**Imagem 3 - O Coração Moinho. Desenho digitalizado.**



**Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.**

*Os propósitos do coração humano são águas profundas (ALMEIDA 2018)*

Penso que todos nós possuímos motivos para fazer o que fazemos, possuímos um sentido que nos movimenta a ser quem somos, desejo então partir daqui, do motivo, daquilo que nos move de lugar, que nos inquieta. Aquilo que nos guia ou nos leva a uma direção pode transformar o significado do que fazemos e de como fazemos. Penso no porquê, pois acho que vem do motivo pelo qual fazemos algo o movimento de ser, fazer e estar, aqui por exemplo escrevendo. Talvez esse porque seja uma questão, talvez seja ele uma necessidade, seja uma urgência e talvez para muitos não haja um porquê ou ainda esse porquê seja outra coisa, com outro nome, com outro sentido. Porém eu entendo que de acordo com a visão de mundo que possuímos, vamos estabelecendo sentidos para nossas movimentações no tempo e no espaço.

No meu caso, persisto em possuir motivações, intenções, meu corpo manifesta inquietações assim como necessidades e isso se escreve quando escrevo, isso faz parte da maneira como eu me coloco no mundo, como eu me vejo. Não me concebo não escrevendo, ou não podendo escrever, se isso acontecesse, se essa condição da não escrita me atingisse eu com certeza não seria esse que sou agora, seria outro. Nesse ponto, acho então necessário falar a respeito de um sentido que estabiliza meu porquê, o meu motivo. A cosmovisão.

Para pensar melhor sobre esse assunto me encontro e começo a buscar ao lado de James Sire (2004) uma reflexão acerca do que seria uma cosmovisão, começo então a percebê-la como sendo um compromisso, uma orientação, um impulso que se apresenta fundamentalmente por meio do coração. A cosmovisão seria uma motivação básica do coração, não como uma imagem do órgão, mas dele como sendo um lugar transitado por emoções, volições, afeições e pensamentos, que de algum modo se expressam na maneira como me relaciono com a realidade. Nesse sentido a cosmovisão pode ser expressada por meio de narrativas, histórias, comportamentos, ideias, pensamentos, pressuposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou até totalmente falsas, uma das questões é que a cosmovisão é sustentada de forma consciente ou inconscientemente, ela pode ser mantida de modo consistente ou inconsistentemente também, possibilitando uma constituição básica do ser humano sobre a realidade, desenhando o fundamento no qual nos movemos e existimos.

Entendo nesta caminhada com Sire (idem) que a cosmovisão não é um conjunto de proposições ou uma teia de crenças que se estabelece em defesa de

algo, portanto ela não seria uma questão de intelecto apenas ou ainda de linguagem somente, tampouco um sistema semiótico de sinais narrativos a serem comunicados. Compreendo que a cosmovisão possui uma essência, um centro, como uma espécie de moinho, que gira movimentando suas águas, residindo profundamente nos recônditos do eu humano, portanto, a cosmovisão é uma questão da alma, representada mais como sendo uma orientação, uma disposição espiritual do que somente um assunto da mente.

Quando me observo nessa busca do porquê de minha escrita, do motivo, repouso sobre o pensamento de que minha escrita se dá nesse processo de perceber de onde estou observando o mundo, como as formas e as coisas se apresentam a mim e de como eu as interpreto e escrevo sobre elas, de compreender melhor como me apresento com a realidade a partir daquilo que sinto em relação a ela, sobre como minha alma se inquieta com as situações, notícias, vivências e experiências com o mundo real, é nessa observação do material perceptivo que vem a letra, a linha e verbo do meu processo de criação dentro da escrita. A maneira como a realidade se manifesta exteriormente atravessa esse lugar de trânsito que é o meu coração, irrompe esse centro volitivo, fazendo o moinho se mover dentro das águas, de maneira que ao escrever busco incessantemente ordenar sentidos para aquilo que me chega, para o mundo que me chega.

Nessa busca por entender melhor essas questões relacionadas ao coração, coloco-me ao lado de David K. Naugle (2002). Juntos pensamos a respeito de uma base para se falar do coração. Entendo que sou animado a partir do âmago, do cerne, de um centro, sou agitado em todo o meu ser por uma faculdade elementar do pensamento, uma afeição e vontade; que na busca por uma linguagem antiga, não necessariamente própria mas acionadora de imaginários chamada A Bíblia; compilado de aproximadamente sessenta e seis livros, escritos por um pouco mais de quarenta autores de lugares e etnias diferentes, vai chamar-se de coração. Em hebraico coração é escrito *lebab* que pode ter sua derivação em uma antiga raiz semita que significa pulsação; seria um movimento interno que possuo e que comporta meus motivos e motivações, minhas questões e intenções básicas para arcar com o processamento dessa escrita. Nessa mesma raíz linguística o coração representa “todos os aspectos de uma pessoa”, sugerindo dentro desta consideração que o coração possui um significado originalmente temático,

ocorrendo aproximadamente oitocentos e cinquenta e cinco vezes apenas nos antigos livros e Escrituras Sagradas. Aciono então numa ótica diaspórica de significados e significantes que no encadeamento do coração possui-se uma pulsão interna que leva a alguma movimentação externa, a alguma ação. Aqui então chego à minha escrita.

Ainda ao lado de Naugle (idem) seguindo uma compreensão do coração dentro de uma narrativa e perspectiva interpretativa percebo o coração como sendo um moinho de onde procedem as fontes da vida, onde existe um fluxo, uma correnteza, esse moinho central inventivo é construído como que para abastecer uma pequena cidade de campo, uma lente para projetar narrativas próprias dentro da construção do pensamento. Prossigo a pensar que antes que as fontes da vida possam fluir deste centro; do moinho; o coração, algo deve primeiro e inclusive estar fluindo dentro dele, algo de originário, pertencente, que mantém um movimento contínuo de ancestralidade pelo mesmo impulso que o soprou com o vento que o fez iniciar seu trabalho. O coração não expressa a vida dentro dele somente, mas também recebe vida do exterior, por isso necessita desse movimento interno e eterno que o possibilita fluir as águas dessa vida para a cidade, para aquilo que necessita abastecer. Desse modo, alcanço que a cosmovisão de uma forma ou de outra é uma obra sempre em processo, sempre em movimento. Ao longo da vida meu coração não apenas dá, esse moinho não apenas abastece, mas recebe e de certo modo o que flui para dentro dele a partir do mundo externo, a partir dos braços de outros riachos e fontes, finalmente determina o que flui para fora em sua existência, no curso da vida.

Volto ao lado de Sire (2004) a fim de prosseguir com essa reflexão e assimilo então, buscando amarrar as pontas das cordas que carrego nessa busca; cordas invisíveis da construção desse pensamento, que o compromisso como busquei delimitar alguns parágrafos acima a respeito da cosmovisão é necessariamente resultado de uma decisão. Penso com ele, que posso estar comprometido quando ajo em direção a um fim mesmo quando estou de algum modo inconsciente do meu motivo ou objetivo para os quais minhas ações tendem, mesmo quando aparentemente não possuo um completo discernimento do que de fato está sendo o processo, ou mesmo do que ele elucida de um modo amplo. É possível que o caráter desse compromisso determine o caráter e a direção da minha própria vida e isso pode implicar até mesmo na perda dessa vida, no descontrole ou abandono

dela de modo tão proposital que torna-se um ganho para o processo, uma perca de vida em ganho de palavra. Acredito ainda que este compromisso é geralmente subconsciente, mas que pode se tornar consciente por meio da autorreflexão.

O propósito de pensar em cosmovisão nesse momento da pesquisa é justamente a busca por tornar mais consciente este compromisso, mesmo que de forma tateante e paradoxal, buscando esta autorreflexão sobre o tema, sobre o que se trata esse compromisso que pode em determinado momento pedir a própria fragmentação desse lugar da pesquisa que vai se revelando ao longo da escrita. O pensar a fragmentação como ganho na verdade circunda o processo, de um modo onde estou em constante abandono de mim para encontrar novas formas de dizer e conceber aquilo que flui desse moinho, do coração, numa estranha busca eterna de compreender de onde vem e para onde vai esse impulso que motiva meu processo de escrita.

Dentro dessa minha maneira de ver, de conceber a realidade a partir daquilo que meu coração moinho percebe e recebe ou mesmo não alcança muitas das vezes, a escrita ocupa um lugar de criação, acredito que isso talvez já tenha se revelado, mas é necessário evocar mais uma vez, a criação como um lugar onde se é possível pensar inclusive a respeito da própria profundidade do coração, desse moinho, um caminho de imaginação que me possibilita uma outra percepção de mim mesmo enquanto escrevo. O motivo dessa escrita que parte em algum momento desordenado das impressões e investigações sobre o tema do coração, também se estabelece quando penso nesse outro possível tema, a criação.

## 1.3. A CRIAÇÃO DIVINA, O SUB CRIADOR, O MUNDO PRIMÁRIO E O SECUNDÁRIO ARTÍSTICO.

**Imagem 4 - A dança da criação. Desenho digitalizado.**



**Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.**

Encontro-me com Francis Schaeffer (2010) e começamos a conversar a respeito da natureza criativa do ser humano, onde busco assentar um dos princípios de meu processo criativo. O pensamento de que haveria uma Criação Divina formado o ser humano. Invento junto com ele, para aproximar-me de um movimento fabulatório e simbólico, que o valor que atribuo ao meu processo de escrita dentro da cosmovisão, parte desse lugar de percepção íntima da reconexão de um significante próprio com esse lugar do Ser Divino que compartilha-se com a humanidade criada, ou seja, dentro desse modo de ver a realidade a natureza da criação se apresenta mediante a própria palavra dita desse Ser Criador, apresentando basicamente  a palavra como sendo algo de grande importância na forma como posso enxergá-la dentro desse mundo discursivo, da escrita, daquilo que se pode ler da realidade.

Continuando desse princípio de criação em diálogo com Schaeffer (idem) compreendo que haveria no humano a extensão dessa essência criadora, o que me possibilita perceber a mim na busca por um toque na superfície que tange a escrita enquanto um processo de criação que se desenvolve no próprio ato da escrita, seja ela esta que se lê ou todas as outras escritas feitas com o corpo no espaço e no tempo, leituras e escrituras feitas com olhares, sentimentos e oralidades das quais parto para toda minha construção, ela é uma criação também pela simplicidade de utilização imaginária da palavra que cria sentidos e caminhos nesse campo da escrita.

O ato de criar a partir da palavra, presente neste princípio da Criação Divina, agrega para o meu processo de escrita um valor simplesmente pelo que é, em toda a profundidade que ser pode possuir, uma extensão daquilo que o próprio fluxo da criação humana emana, pensamentos e subjetivações em relação à linguagem e a palavra, ao pertencimento, a um sentido de origem, de família, de afeto, posso não apenas amar num sentido que comprove um laço, mas que repense as dimensões afetivas a partir dos próprios territórios das emoções, sensações, volições que correspondem ao tema do coração; o moinho de minha percepção da realidade, e imagem escrita do meu processo de criação.

Mantendo a conversa com Schaeffer (idem) continuo a perceber que possivelmente nunca vi um não humano concebendo um processo de escrita; de criação artística, de igual modo jamais vi um humano não criando nada em algum momento. O humano sempre está a criar. Penso que este movimento de colocar-se para criar algo, de ruminar um pensamento para gerir uma obra, uma escrita, faz parte de nossa natureza intrínseca, estamos num constante ato de criação, inventando modos de pensar e apresentar ao mundo algo, ou mesmo nos apresentar ao mundo naquilo que construímos. O ser humano portanto nutre a necessidade pela criação, alimenta e produz em si o ato irresistível de criar, portanto meu processo de escrita e criação manifesta-se nesse lugar também.

Nesse momento, questiono algo a partir do que já assimilei, sei que posso criar, mas posso criar, escrever, inventar a partir do nada? Para melhor aprofundar esta busca, eu e Schaeffer caminhamos em direção a alguém que está de pé mais à frente, observamos atentamente então J. R. R. Tolkien (2006) que parece falar a respeito de algo que continua o movimento deste pensamento, acompanhando sua enunciação passo a investigar ao seu lado, esclarecendo-me neste processo como sendo um sub criador, justamente por essa capacidade que possuo de criar coisas a partir de algo pré existente.

Como sub-criador, não possuo a capacidade de criar a partir daquilo que não existe, pois esta é uma manifestação da existência que precede a concepção do modo de relação humana com a qual estamos habituados a lidar, difere desse lugar de relação utilitária com o mundo que a ciência continua ainda reproduzindo como um cacoete desse próprio mundo utilitário criado para ocupar o imaginário cultural e social. Essa relação de subcriação com o processo a primeira instância gera um ruído e possivelmente uma falha de comunicação pois exerce também um sentido

hierárquico para de alguma forma ler a colocação sensível dela na realidade, é equivalente a dizer que em meu processo de criação dentro da escrita eu rearranjo as realidades existentes de um mundo primário; este no qual estamos e transitamos, para um mundo artístico secundário; o mundo desse meu processo de escrita e criação.

Para tentar alcançar melhor esse sentido de sub criador penso ainda: existe no mundo primário uma casa com uma porta, janelas e pátio, mas no mundo secundário artístico que crio em minha escrita, pode existir sem problema algum essa casa, porém agora possuindo não mais janelas, mas apenas portas, portas para todos os lados, nos telhados, no chão, essa casa nesse mundo é repleta de portas, é uma casa feita de portas. A decisão pelas muitas portas não fica clara, não se evidencia, o que se mostra são as portas se rearranjando nesta nova casa criada pela escrita. Posso construir nesse mundo um modo de expressar aquilo que me vai por dentro, preenchendo e inventando lugares, imagens e experiências onde minha imaginação fabula na escrita para ter o que dizer, para construir uma história, uma narrativa que interrogue a mim mesmo e a esse mundo primário.

Tento de alguma maneira construir um retrato desse mundo dentro daquilo que escrevo, não um retrato fiel, mas um rascunho feito de garranchos. Nesse momento os garranchos voltam, passam a compor essa tela de imagens, de letras como imagens, palavras como imagens, sentimentos como imagens, nesse processo busco conceber a casa como uma coisa que se move, não sei em qual momento ela será utilizada, mas está construída e quando for ser usada, possivelmente será desmontada, serão usadas algumas partes suas, talvez só as portas, ou não, mas a experiência de construí-la; de escrever o texto e tê-lo com essa movência disposta para o processo é importante.

Nesse momento, ouço os sussurros de Sônia Rangel (2016) vindo em minha direção, como uma conexão de palavras, pensamentos e imagens, juntos começamos uma relação de afeição e penso compreender criando ao seu lado a respeito da imagem, um reflexo dela como sendo uma exímia intermediadora entre dois pontos do meu pensamento que parecem distantes, possivelmente confusos e sem tanta força, mas que estão operando livres conexões, ligações, extrapolando os limites do simbólico e gerindo outras imagens a partir desta primeira intermediação, indo além do psicológico, das zonas de rastreamento da mente, todas essas voltas para aproximar-se do processo como invenção, uma execução entre o conhecido e

o desconhecido da criação. Entre aquilo que possuo fixamente como um ponto do qual parto em escrita e outro, um lugar que não é um ponto, que pode ser, mas que talvez não seja, um entre que não é uma ideia pronta, é uma passagem, um leve estalo, uma memória que pode ser capaz de envolver, embaraçar, desmanchar, pintar e rabiscar uma nova imagem.

Assim começo a verbalizar na escrita aquilo que me parece impossível de dizer de outro modo, como quando nas aulas de redação, inventando, fabulando aquilo que sabia e aquilo que via, essa recepção e canalização da memória para o agora do processo se desenvolve a partir daquilo que sou capaz de pensar, de desejar e perceber, ou mesmo do que me foge a essa percepção lógica, daquilo que está profundo em lugares que meu tato não alcança apenas a lente da memória.

O moinho coração da escrita continua a escrever como um lugar de resposta ao que me é questionado internamente, ele filtra e distribui vida pela escrita. Colocando-me assim em processos de filtração, em contato fluído, sem estabelecer pré-modelos a serem comprovados, sem pré-conceitos, dançando ao som e ritmo do canto escrito de Rangel (idem), numa incessante tentativa de reconhecer o que emerge, o que sai de um mergulho interno e volta a respirar puxando pela primeira vez o ar da superfície, configurando-se como fluxo do pensamento encarnado, expondo-se vulnerável a primeira letra, mas que ao encorpar-se, ao se fundir a uma outra parte já composta em outro momento do processo passa a ganhar, acumulando sentido e estabelecendo um novo piso, um novo chão onde possivelmente mais um mergulho e respiração irá quebrar com essa superfície em busca de um novo reordenamento.

Meu processo se desenvolve principalmente pelas infinitas reordenações de substantivos, adjetivos, desenhos de imagens, fabulação de mapas, escuta de sons e ruídos como o exemplo da casa supracitado, do moinho coração que vai ganhando força e lugar no meu pensamento e escrita e como mais à frente ainda falarei mais a fundo sobre os movimentos interiores. É uma espécie de manutenção das coisas já criadas, fazendo do ato de escrita dentro desse processo de criação uma restauração repleta de acoplamentos, colocando no ombro das palavras bugigangas e quinquilharias, rearranjando o mundo pré existente, trazendo à superfície todo tipo de existência em potência.

Uma vez que minha escrita se processa nesse reordenamento de elementos do mundo primário para um mundo artístico secundário, ou ainda para esse mundo

poético da escrita, fica evidente que o filtro desse ato de escrita, dessa sub criação me é próprio. Sendo assim aquilo que escolho representar em minha escrita e como estabeleço esse processo revela parte de minha própria cosmovisão para o processo, isso não significa até então nenhuma ferramenta filosófica ou algo do tipo, contudo este processo carrega pensamentos, valores e questões que refletem esse artista bem como possivelmente a sociedade que o cerca.

Volto então a um ponto que novamente se apresenta a mim como algo importante nesse processo, a visão, o sentido, o sentimento de mundo que desejo despertar naquilo que escrevo. Nesse instante, outra vez Francis Schaeffer (2010) acerca do que já vínhamos conversando, me faz refletir e ouvir como um som fino, agudo e silencioso dentro dessa busca, fala-me que existe uma travessia onde o modo de se fazer, de se escrever, de criar, de pensar estão interligados por distintas pontas e caminhos com as questões que me atravessam socialmente, culturalmente, religiosamente, politicamente, encarno estes atravessamentos em minha escrita, preenchendo, compondo e reivindicando lugares no meu processo de criação.

Sou provocado ao lado de Schaeffer (idem) a raciocinar que com o passar do tempo, se torna cada vez mais nítida essas mudanças não somente nas formas e nas linguagens com que se produz uma obra de arte, no meu caso uma escrita como obra e como processo de pesquisa. Compreendendo que existem transformações que isso envolve e dispara, que não é somente de um ano para outro, de um período histórico para outro mais a frente ou mesmo de uma região para a outra, é algo que está intimamente ligado a questões de cultura, de grupos sociais, identificando a realidade dos recortes classe, raça e gênero.

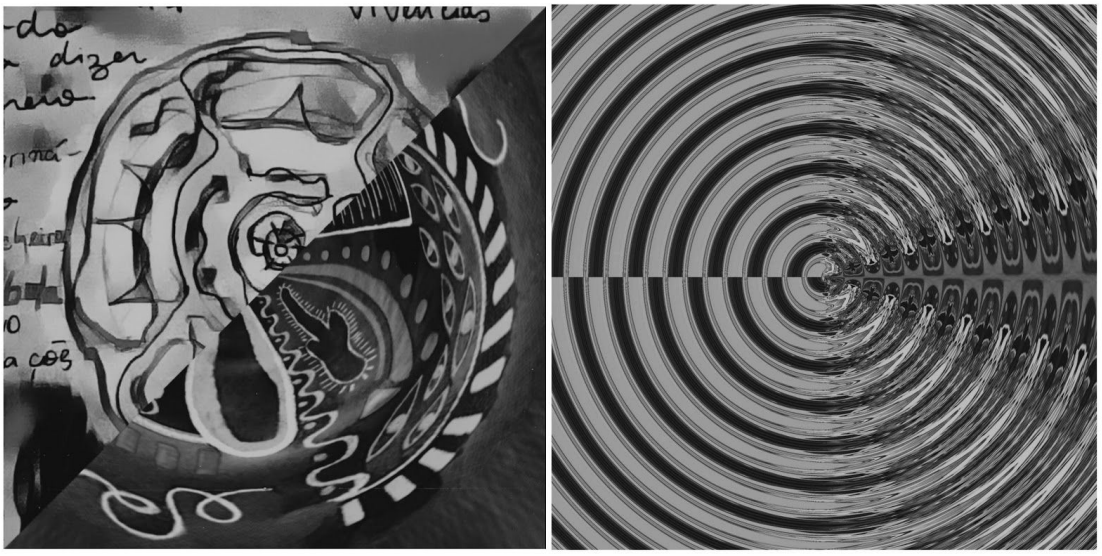
Começo a perceber que não existe para minha escrita a possibilidade de não estar em meio a este trânsito, pois o filtro que utilizo nesse processo é regido pelas realidades imediatas que me abraçam ou me machucam, as que me deixam passar ou mesmo as que me levam preso no tempo e no espaço. Por isso escrevo com o meu corpo, observando-o enquanto escrevo. O que isso representa e para onde isso me leva? Como minha escrita também se transforma, e busca nessa fabulação falar sobre esses atravessamentos, esses movimentos internos, como ela se reconfigura? O que minha escrita enxerga, como se desfigura e encontra caminhos de não apenas sobreviver, mas de viver? Pensando nisso, começo a identificar e a localizar minha escrita, como sendo uma escrita de si sobre a qual falarei mais a frente, um processo de observância sobre meu corpo e como ele se localiza no espaço, no

tempo e nas realidades frente a essas mudanças na maneira de se construir um lugar no próprio campo da escrita e dos processos de criação.

# 2. O QUÊ DA ESCRITA

## 2.1. O CORPO, A PELE E O LUGAR DA ESCRITA

**Imagem 5 - Duo espiral sobre a pele. Desenho digitalizado.**



**Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador**

*"Quando eu morder a palavra, por favor, não me apressem, quero mascar"*
*(EVARISTO 2008)*

Me proponho a partir daqui a não deixar escapar o pensamento enquanto escrevo sobre *como* escrevo, talvez eu faça isso todas as vezes em que me tomo nota pela escrita, por algum motivo, mesmo que eu não diga, o como se apresenta, isso talvez não seja algo peculiar, talvez façamos isso enquanto escrevemos só não percebemos, enquanto ensaiamos, criamos, e bem, a escrita como já disse para mim é um ato de criação, de ficção, de invenção daquilo que ainda não tem forma. Escrever seria então alcançar a forma daquilo que estou pensando, o ritmo, a sonoridade, o balanço, o silêncio, perceber a letra e trazer de dentro para fora esse como que por vezes não se nota, mas que se realiza.

Ou seja, posso então dizer que o como se escreve se revela sempre que escrevo, o modo de escrever fica escrito de algum jeito, por alguma ordem, em algum ponto ou vírgula, a maneira está, não sei bem onde, estou em busca de descobrir, de alcançar. Mas para ler o modo é preciso continuar a escrever. Por isso vou começar pelo que envolve o meu ato de escrita, vou me observar enquanto

escrevo escrevendo sobre escrever, espero não soar irrelevante para essa parte onde estou em processo, mas se isso ocorrer é também um alcance, um relance, por isso todo traço me alimenta e me apresenta caminhos ao como.

Ao meu lado permanece Sônia Rangel (2006), contando em segredo para mim que o próprio pensamento opera com suas recorrências e originalidades, e mais uma vez me faz mergulhar na investigação desse como a partir das necessidades que emergem de um fluxo do pensamento encarnado, nesse fluxo acabo compreendendo de certa forma, meios de aproximar-me da invenção, uma espécie de recepção, para este artista da sua própria arte, a escrita, no campo das ideias. Deste modo, no processo da escrita o pensamento também é a própria criação, uma construção complexa, desgastante, que exige a presença do olhar único do autor, daquele que escreve. Neste sentido, se faz necessário convocar o sujeito desse olhar e o colocar em processo, mastigando as gasturas das palavras, para compreender um sentido de cosmovisão acompanhando Naugle (2002). É uma espécie de criar-pensar dita por Sônia Rangel (2006) que se desenvolve para além da compreensão cognitiva, perfurando e causando rupturas nessa perspectiva de somente redesenhar, ou cobrir pontos; ideias de outros autores ou ainda de apenas debruçar-se numa contextualização de um e, ou único ponto de vista histórico. Penso como ela, que se trata de escavar e ir mais a fundo no material que está posto, mas não o encarar em sua superfície, mas apostar em sua densidade e trazê-lo ao meu coração moinho da escrita.

*“rasgar entre os dentes, a pele, os ossos, o tutano do verbo, para assim versejar o âmago das coisas” (EVARISTO 2008)*

Partindo desse ponto, de trazer ao meu coração moinho é que escrevo:

Meu corpo inteiro sente esse ato, não escrevo somente com as mãos, escrevo com os olhos, pois eles escorrem pela página, pela letra, pelas frases que as letras constroem, frases que preenchem a página de algo que estou em busca de saber ainda. Meus olhos também percorrem por páginas dentro de mim, caminham pela mente e tentam pressentir o minuto mais a frente onde outra parte de mim vai se apresentar. Meus olhos são muitos. Olhos que entendem, eles não só veem, meus olhos alcançam algo dentro da letra, alcançam um movimento interno que se exterioriza pelo ato da escrita. Perguntam-me os olhos - o que é isso que tanto te

motiva a escrever? Porque mesmo quando tens pouco a dizer desejas escrever? Seria porque quando arrisco uma palavra o movimento em mim se encarrega de continuá-la, lendo-me, escrevo palavras acerca daquilo que já disse antes reescritas de um modo que ainda não as sugeri.

Escrevo com minhas mãos antes mesmo dos olhos escreverem, elas estão a carregar em si minha digital, meu pronome. Minhas mãos datadas, registradas, pintadas e desenhadas nas paredes da memória que resgatam a infância, mãos que tocam, que estalam os dedos, que possuem calos nos dedos de tanto fazer caligrafia. Dedos que me indicam, me apontam, despontam e sugerem caminhos. Minha mão possui letra, uma letra em especial, a de meu nome. Minha mão tem suas linhas, cortes, rotas e trajetos. Tem seus mapas, suas fugas, seus caminhos, minha mão tem seus quilombos, suas jornadas e suas descobertas, minha mão que toca a história, que se inscreve na história, que pede bença, que segura outra mão para ensinar a letra, minha mão é fio condutor do meu jeito de dar a mão, de estender, de recolher, de apertar, minha mão escreve antes de pegar na caneta, de apertar o botão, minha mão é ponte, equilibra meu grito que quer sair por entre as linhas, ela encontra um tom para o grito que fica menos estúpido quando toma forma de palavra.

Escrevo também com a minha pele, agora olhando para minhas mãos olhei também para ela, cevada, escura, negra. Minha pele escreve comigo mesmo antes de eu saber escrever, escreve em outras peles passadas, adestradas, escravizadas, colonizadas, peles libertas, viandantes, transeuntes, peles de minha pele. Tamanho de pele que cabe muita gente, que escreve por muito tempo antes de me ter, que escreve para manter o caminho aberto para o irmão, para o sobrinho. Minha pele também é extensão da minha identidade, do meu pertencimento, desse meu lugar que finco aqui, agora enquanto falo sobre minha pele, pele que me insere no mundo de um modo como a nenhum um outro e porque assim não se configura de outro modo que não este, e porque assim só existe em mim sendo o que é, quero dizer, existe uma particularidade em ser e estar nessa pele, você já esteve na pele de mais alguém além da sua?

Dificilmente, mas como eu disse, minha pele é pele de muita gente e mesmo que eu não quisesse me colocar, ela por si mesma vive se colocando nos lugares, minha pele escreve desse lugar que me supera, essa Amazônia que queima, que sopra, que inunda, que age através de mim de todos os modos bem vindos e de

modos expulsos, essa Amazônia pele me escreve na extensão de alguns rios, de alguns lugares, do trânsito de outras peles irmãs pela cidade.

Minha escrita pele é também como o breviário  que acompanho no mesmo fôlego de Lygia Clark (2015), ampliando o tecido, para estender o corpo, a pele, por meio daquilo que proponho entre minha escrita e meu processo, pelé que escreve sozinha uma história que poderia por si mesma ser a letra que movimenta todo o corpo, poderia ser ela o movimento que percorre, não só no choro mas em tudo que já abrigou.

Minha pele já foi chamada parda, já foi tida como branca, já foi vista como suja, como encardida, estou dizendo, minha pele escreve, escreve tanto que deveria de ter um livro só para ela dizer como se sente, mas não há tempo, não o suficiente, porque essa pele precisa escrever para ultrapassar a si mesma, para buscar outras peles como ela e até as que não são, para vir aqui, na letra, no verbo, escrever por si, porque tem muita pele sozinha, carregando tantas histórias, tantos afetos, tantas mortes e genocídios que chega a não ter pele sozinha que suporte ou aguente esse tempo de silêncio, por isso se movimentam, brotando nas brechas.

Continuo meus encontros, agora descalço ainda ao lado de Lygia Clark (2015), penso junto, no mesmo rasgado de garganta que esse gesto de agora pressupõe o próprio ato de minha escrita em pele, dos dedos no papel, nos botões, na tela, os dedos das mãos. Essas mãos do corpo tem uma característica de concentração no momento da escrita, como uma oração, nela estendo minha confissão, meu momento de abraço e perdão. Fusão das polaridades, do meu direito e do meu esquerdo, do que fui e do que estou sendo, dou as mãos a mim mesmo, para escrever com a minha pele sobre as catástrofes do mundo, sobre essa queda do humano, dou as mãos para observar meu corpo nesse sentido que horas cai, horas se levanta: muito prazer em me conhecer, eu estou indo, não tem de quê, obrigado. Este é um momento, só, aceito ser um ser só.

Deve ser por isso, por ser pele e oração que às vezes pareço caminhar junto, agora precisando de espaço para ser escrita de um modo mais visível, escrevendo de um modo cansado, mas não desejando parar pelo cansaço que o tempo imprime sobre a pele. Só pode ser por isso que a pele está me ocupando tanto espaço e tempo, me fazendo descobrir tanto dentro de mim, dentro da cabeça, dentro deste criar-pensar no corpo que cansado não se cansa de estar apelando como pele que dispela numa nova imersão, numa nova queimadura cicatriz de via cruz, deve ser

por isso que meus olhos não param de olhar para ela, tem semelhança com um véu rasgado que só me aproximou desse fluxo encarnado, em mim, por mim, apesar de mim e através de mim. Minhas mãos descrevem o mais rápido possível, o fluxo, a catástrofe, a queda, pele em busca de redenção é parte do como escrevo, tem um lugar, reivindicou em mim quando nasceu, antes mesmo de eu ser uma enunciação para existir como parte integrante desse como faço o que faço.

## 2.2. O PROFÉTICO, O POÉTICO E O POLÍTICO NA ESCRITA

**Imagem 6 - Duo espiral sobre o poeta dentro do profeta. Desenho digitalizado.**



**Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador**

*“Quando meu olhar se perder no nada, por favor, não me despertem” (EVARISTO 2008)*

Escrevo junto com o Comitê Invisível (2016), refletindo sobre uma catástrofe, escrevo com medo, mas deixando ele ir na letra, porque de onde venho, do lugar que vejo o mundo, percebo, essa catástrofe é existencial, é afetiva, está no campo das relações, é metafísica, é uma guerra de *religare*. uma catástrofe que reside na incrível estranheza do homem ocidental em relação ao mundo, do humano em relação ao humano, estranheza que exige por exemplo, que esse homem se faça

amo e possuidor da natureza e do outro. Afinal só busco dominar aquilo que temo, aquilo que de algum modo não consigo tornar escravo de mim, para mim, escrevo sobre escravo rasgando a pele com o dente dessa visão, eu estou vendo e rasgando com o dente esse mundo que se apresenta, tão caótico, tão caído, ardiloso e maquiavélico, cético, ético, profético. De onde eu venho minha bisa vó diria que isso é falta de Deus.

Sempre tive medo de algumas palavras ordenadas! Um sempre que eu acredito me transpassar, um sempre que possivelmente existe antes mesmo de mim, um sempre caótico, catastrófico. Não um sempre que traz segurança, pelo menos não para quem recebe a ordem, o comando, o desmando. Digo não para quem emite a ordem, não para quem sempre emite a ordem.

O medo acompanha o sempre porque de fato não é só meu, não é uma produção minha, o medo é medo desde sempre também, o medo existe como alimento para determinado fim, falo de um tipo de medo que tem raízes e que espalha-se, alcançando diversas outras camadas. Um medo imposto, ordenado, colocado, um medo biológico, escatológico, medo culturalmente inserido pela mesma ordem de sempre. Esse medo tem haver com normas de soberania humanas, o humano soberano de si mesmo e sobre quem parece ser menos humano, menos receptor do status de humanidade.

Medo geográfico, medo territorial, falo de um medo elementar da categoria dialética da história, medo caravela que atravessa e traz todo tipo de doença, de palavras ordenadas, de histórias fracassadas em busca de descobertas, de um novo éden, um novo paraíso. Falo do medo gangreno sistematizado como bala de borracha, o medo higienizador projetado pelo aparelho do corpo estatal em meio as linguagens públicas e nas insígnias multilaterais.

Medo afetivo, medo do campo subjetivo, falo do medo emissário familiar, medo expectativa do mérito e do legado, medo círculos relacionais, falo dos medos fluxos contínuos de pensamento instaurados pela ordem de sempre, desse modo objetivo síntese de vida, medo paz que depois da morte ainda pensa, medo pele. Talvez esse seja o pior, o medo pele tem uma das raízes mais profundas nos governos humanos e está na camada mais visível do sujeito, se configura em mais de quinhentos anos de história e incansavelmente combate contra si no próprio medo da escuta.

Seguindo ainda, medo de palavra ordenada, peço que me leiam entrelinhas de saber que falo da palavra que não se permite encontro e aprendizado, palavra que não estende concerto, que não encontra acerto, existem tipos de palavras certo? Não quero me ater a isso, pois sabemos, digo aqui, sabemos, esse recorte sabe e minha escrita é proposital, queria escrever para alcançar minha gente, mas faz parte do meu processo de ocupação falar aqui, desse modo, falo das palavras acostumadas de ser o que são e que nunca se renovam. Palavras abissais, palavras pensamentos, palavras idéias, simétricas e consonantes, palavras documentos, posse de palavras e documentos, palavras cultas, ocultas, palavras centradas no eu, no ego, no falo, palavras concêntricas de uma única história. Falo das palavras desejos intermináveis, palavras insaciáveis de mandar, de causar soberania, de provocar com sangue, de animar o silêncio com desprezo.

*“quero reter no adentro da íris, a menor sombra do ínfimo movimento” (EVARISTO 2008)*

Entretanto, fragmentando a frase: “sempre tive medo de algumas palavras ordenadas”, destaco as palavras “tive algumas”, “sempre medo” e “palavras ordenadas”. Como isso me percebo que tive algumas vezes de ser quem eu não sou, tive algumas vezes sempre medo de alguém, tive alguma facilidade em lidar com o sempre medo de alguém, tive alguma dificuldade de chorar, dificuldades em amar, em me deixar ser amado, tive algum nada a dizer, tive de algumas a sensações de não me pertencer.

Esse lugar onde temos de algumas vezes passar por cima da gente e ficar, ocupar, criar a possibilidade de se reinventar, de ser chamado pelo próprio nome, de ser familiar e não intruso, esse tive algumas é a forma como a realidade também faz nascer sobre todos o mesmo sol, esse tive algumas é a necessidade do universo esperar pela manifestação dos filhos de Deus, me entende? Quem são os filhos de Deus? O sacrifício cobriu todos ou tem alguns que precisam pagar penitência para serem salvos? Porque esse tive de algumas também constrói a frase toda, o tive algumas é quando se tem de falar mesmo quando não queremos falar, mesmo quando nosso corpo e trajetória carregantes se apresentam na face, na cara e na morte.

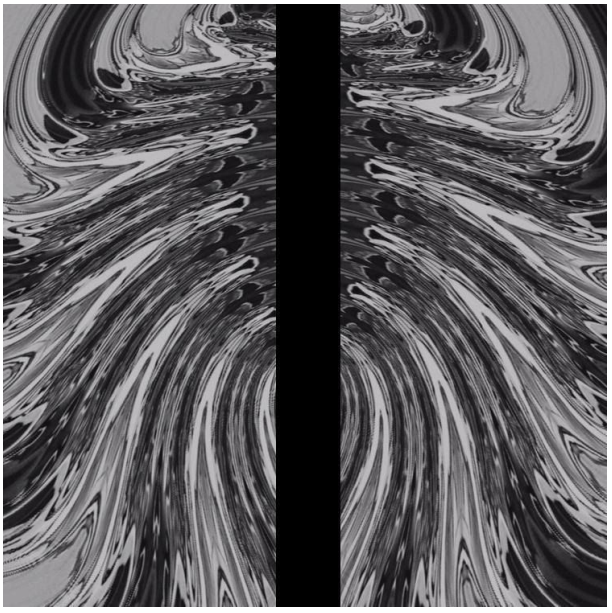
Esse não falar gera um quando os outros já parecem ter colocado todas as palavras ordenadas em nossa boca causando um sempre medo de estar sendo inconveniente ou causador de discussões que a maioria não deseja ter, porque simplesmente o sempre medo chega para todos, mas em sentidos diferentes, em privilégios diferentes, em modos de opressão distintos, isso talvez aproxime as peles no tocante do “sempre medo e algumas palavras ordenadas”.

Pode ser que o sempre medo seja sempre medo para todo mundo agora, digo, o sempre medo são palavras ordenadas por lógicas constituintes de poderes deste mundo sobre si mesmo, deste mundo e que não se separam, não se dicotomiza daquilo que não se vê que agora impera machucando, enterrando, atuando neste agora que vemos, que tocamos, cheiramos, desta esperança não esperança que se vê.

Talvez as palavras ordenadas que causem o sempre medo sejam o fruto podre de uma queda  em guerra silenciosa para alguns, porém estridente para tantos outros, estridente a ponto de sangrar tímpanos e acumular corpos doentes, viralizados, marginalizados, não apenas os de hoje, ou desse ano, falo de corpos passados, valas passadas, holocaustos passados, interrupções de diásporas, bombardeio de quilombos, massacres de terras e povos, falo do que algumas lentes e narrativas nunca se preocupam em olhar, em falar. Mas já estão falando, calem a boca e ouçam por favor, ou vai ser necessário mais alguém ter que dizer que tem esse lugar de fala?

## 2. 3. SOBERANIA E DISCERNIMENTO NA ESCRITA

**Imagem 7 - Olhos do Espírito. Desenho digitalizado.**



**Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador**

*“Quando meus pés abrandarem na marcha, por favor, não me forcem.” (EVARISTO 2008)*

Hoje, fala-se muito a respeito de um incômodo com a realidade social; a respeito de uma luta contra as opressões raciais, de classe e de gênero, contudo aqui, faço uma leitura dessas cenas com o intuito de lembrar-me que nem sempre esse nosso incômodo parece ser genuíno, digo nem sempre ele de fato é um incômodo com as questões centrais da indiferença, da desigualdade, da segregação e do negacionismo que se consolidam no cenário global contemporâneo a respeito dessas questões. Quase nunca se trata de reparar as mazelas e os sofrimentos, de diminuir as linhas gritantes que nos separam. Parece o velho jogo do poder imperial, as guilhotinas agora são as grandes marcas, as redes e projetos políticos, os novos concílios e cruzadas, e a burguesia se consolida na mesma manobra capitalista de sempre.

Mas quem sou eu para prestar algum discurso sobre quem é verdadeiro ou não quanto a sua luta e militância. O que acredito é que existem circunstâncias, situações, relações, leituras, contextos e telas que são capazes de revelar mais do que o olho pode ver; e com isso não quero dizer que estou em busca daquilo que não está dito, pelo contrário, faço um movimento de des caminhar as informações; de voltar pelo trajeto exposto e procurar outros modos de interpretá-lo, de lê-lo, que

podem desenhar um quadro bastante chocante dessas relações de poder e seus impérios; chamo de império toda essa demarcação efetivada por um discurso de opressão interseccional; entrelaçado pelas questões de gênero, de classe e raça.

Na busca por observar o entrelaçamento dessas opressões do aparelho estrutural, começo então a ver emergir as reais intenções de um movimento, de uma luta, de uma causa ou organização, consigo perceber a superficialidade existente de tantas ideologias e discernir de onde aquilo de fato está vindo e sobre qual peito deseja abrir fogo. Digo, tem vezes, se não todas, para alguns, que o compartilhamento, o engajamento, as *hashtags* são apenas artifícios para não ficar de fora, servem para dizer que se está pensando, que algo me indigna, que alguma coisa me incomoda sobre determinada questão social, política, religiosa, afetiva. Uma estranha exposição para fazer meu círculo de vivências notar sobre o que estou inteirado.

Não é que haja um erro em movimentar-se desse jeito, não é isso, afinal esse modo operacional parece fazer parte de nossa contemporaneidade: as telas, as redes de conexão, os perfis. Esse modelo social interativo que nos posiciona em um lugar do mundo virtual já se tornou quase que uma parte inseparável de nós.

Sendo assim, nesse momento da escrita decido trabalhar com algumas temáticas, a exemplo, a autocrítica: afinal, quando é que o meu humor, argumento e discurso machista, racista, homofóbico, outrofóbico, indiferente e de supremacia racial começa a ser tratado no meu cotidiano, quando é que noto isso em mim? Quando é que esse meu discurso e argumento que invalida determinada fala de alguém que passa por uma situação que não me afeta se questiona, quando percebo que minha ação é indiferente? Quando é que a crença em uma narrativa unilateral da história contada até aqui se rompe, quando é que eu noto que a historinha que me contaram sobre o Brasil não é a que de fato ocorreu, pelo menos não do mesmo lugar, quando me disponibilizo a ver por outra ótica? Quando é que essa minha opinião de militância protesta nas minhas próprias atitudes e não somente sobre a vida alheia? Quando é que tomo consciência de que muitas dessas questões podem estar se disseminando através da minha forma de vida também? Quando é que percebo que meu poste só durou 24h?

*“Caminhar para quê? Deixem-me quedar, deixem-me quieta, na aparente inércia.” (EVARISTO 2008)*

Me parece cômodo demais esse lugar por trás das telas, esses projetos de ocupação virtual se mostram até certo ponto a máscara perfeita contra o vírus da indiferença que atua em nós. Pergunto tentando fixar. Será que tudo que expomos em nossas redes a respeito de como vai o mundo e do que pensamos em relação a ele, sempre tomando o partido da opinião pronta, constrói em nós algo que nos leva a repensar nossas próprias ações?

Ou essa organização parece só chegar até a minha visualização, até o meu comentário? Esse ato pietista que dura até o efeito viral das notícias passar, essa enxurrada de falas revolucionárias em rede, até onde isso vai mesmo? Qual efeito isso surte sobre minha relação familiar? Na comunidade da qual faço parte, no meu trabalho, na minha escola? Eu ouço o choro da minha mãe? Ouço os medos de um primo, de uma conhecida? Ou minha militância tem um fim em si mesma?

“Não, aqui tá ótimo porque as pessoas podem ver eu sendo contra esse governo e a favor das minorias…”. “Faço minha parte por aqui e tá tranquilo!”. “Vamos gerar uma utopia de mudança das estruturas aqui numa página e tá ganho o dia”. Mas quando largo as telas e esse aparelho todo que possui domínio sobre meu imaginário, me choco com uma realidade onde eu sou o mesmo reprodutor dos comportamentos contra os quais virtualmente eu destilei meu posicionamento e minha opinião formada.

Fico pensando que todos os conceitos que inventamos, que todos os nomes pelo qual chamamos o erro do outro, pode ser em nós o mesmo mecanismo, só que modelado ao modo como nós operamos nossa mania de ver e de colocar alguém como sendo sempre o outro, sabe? O outro nunca sou eu nesse sentido de determinar o lugar ocupado por alguém, o outro é sempre um outro longe de um dia chegar a ser um humano como eu. Porque eu sim sei como me colocar. Quem é ele na fila do pão?

Fazemos isso constantemente, retiramos a humanidade desse outro enquanto o julgamos; desejamos ditar um novo parâmetro, levando em consideração que só o nosso calo dói, e como do outro eu já retirei a humanidade isso já nem importa muito. Porque eu tenho nome, eu falo de um lugar, o outro que eu decidi ser o outro que lute por seu nome e sua fala.

Acredito ser esse um comportamento de um pensamento narcisismo moderno, uma outra temática que me é relevante aqui, onde esvazia-se o indivíduo de sua humanidade e subjetividade colocando-o no lugar que bem se entende, e aí

se começa a gerenciar uma relação de percepções sobre esse alguém de modo onde eu só considero a parte que está relacionada ao meu instinto de sobrevivência narcísico. E talvez haja aqui a seguinte indagação: que humanidade é essa? Qual ideia de humanidade estamos a falar? Esse conceito imposto pelo modelo de vida ocidental colonial?

Porque se de fato for essa a vida que encaramos enquanto tentamos vivê-la, ela ocupa uma ideia de vida e não de vida vivida realmente, é uma ideia modelo que pode caber em muitos lugares, mas se bem olharmos, o que vivemos ocupa sempre um lugar de enfrentamento à ela, seja pelo fato de se perceber contra ou de se perceber dentro e por algum momento questionar-se sobre, de todo modo esse ser humano, esse modelo de viver e ser vida, sociedade e humanidade existe e é disseminado constituindo muitos projetos de política e identidade.

Alguns indivíduos, no caminho desse sistema de pensamento colonial são contemplados com bolsas de desinformação e de negligência histórica, vestindo esse modo de vida, partem em ataque aos posicionamentos antirracistas dizendo que a frase: “Cale-se e me escute, você já falou por muito tempo!” não soluciona problema algum, de fato, não soluciona.

Porém, aqui, vejo uma outra cena de opressão se desenhar, que faz-me questionar o seguinte: de que modo deve se pedir a fala, de que modo deve-se interromper o pensamento colonizador, como devemos causar as brechas necessárias para sermos ouvidos? O que diferencia uma frase política de uma frase de guerra? Quais os parâmetros para se medir a densidade de um discurso de soberania que deseja se instaurar no atrito entre os lados políticos de uma guerra?

A respeito da soberania, acompanho o pensamento de Achille Mbembe (2018) sobre ela ser um processo de “auto instituição" e "auto delimitação”, um projeto também político que fixa em si os próprios limites para si mesmo, sendo um aspecto de auto centralização do próprio pensamento colonial. No seu exercício a soberania se constituiria ainda como sendo uma capacidade de organização de determinadas classes de uma sociedade para a sua “auto criação” tendo como seu principal recurso às instituições que inspiram significações específicas e imaginárias.

Penso então que a frase “cale-se e me escute, você já falou por muito tempo” constitui-se como um argumento político de guerra, uma fala que possui consciência histórica e repugnação a respeito da colonização que revela seus traços nos sistemas de pensamento contemporâneo. Digo, encaremos por política aquilo

que Mbembe (idem) crítica ser um campo duplo, uma espécie de projeto de autonomia e uma realização de acordo em uma coletividade, mediante a comunicação e o reconhecimento. Até certo ponto seria essa afirmação de política que para Mbembe (idem) causaria uma diferença entre a guerra que por sua vez suspende todo direito humano delimitado pelas organizações governamentais, na guerra não existe uma assistência e toda a resposta se dá pelo ataque.

Penso ainda de que modo, essas leituras normativas de guerra e política também não constituem campos de ação da própria soberania, partindo das suas próprias concepções para o estabelecimento de um lugar e discurso que imprime e demarca territórios, vivências e construção de imaginários coletivos. O que sinto, é que de algum modo, no ataque a falas de ocupação e reivindicação se revela também partículas cristalizadas do pensamento da soberania, um pensamento autocentrado de controle desse indivíduo narcísico, mundiado pelos resquícios da colonização, tendo seus traços expostos no corpo, no gesto, na fala e no pensamento. Talvez uma das questões que possuem um aspecto visível do pensamento de soberania seja a sua implicação naquilo que Achille Mbembe chama de “instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (p. 10. 2018).

Esse lugar demarcado por uma soberania que atua na política, nos conflitos territoriais, nas relações de poder e criação de espaços institucionalizados se aproxima e corrobora com uma instrumentalização da vida para opor-se aos sentidos de existência e humanidade não colonizados. O modelo de vida que performa-se na soberania atua não somente na destruição de corpos e nos apagamentos de narrativas, mas consolida-se também no ocultamento de fatos e recriação de algoritmos que dispersam a atenção social.

Isso me permite pensar e dizer que de algum modo a frase: “cale-se e me escute, você já falou por muito tempo” é um desenho do próprio processo de autonomia desses corpos alvos de destruição, é um apuramento de diversas relações que se exercem e se vivenciam, de diversos lados de um discurso contra o pensamento hegemônico que se combate, uma frase necessária, porém que de fato não soluciona nenhum problema, e que também não acredito ser essa a sua função.

Permitam-me então dizer mais uma vez: por muito tempo o fato de não podermos falar causou algo no corpo da nossa gente, alimentou uma dor e fez crescer um absurdo de invisibilidade sobre nossos corpos e sentimentos. Não

sabíamos o que era amar. Chegou um momento onde tudo o que precisávamos era sermos ouvidos, sem interrupção, sem atropelamentos, sem olhares avessos, sem gracejos de ironia, precisávamos e na realidade precisamos ainda, porque o movimento de poder falar, de poder dizer quem se é e pelo que se passa não é uma fase do movimento negro, é o fortalecimento dele, o reconhecimento de si, o processo de identificação de quem somos nesse corpo frente ao mundo.

Ainda que muitos não tenham o privilégio de se descobrir e sejam apontados desde a infância, esse continuará sendo um sentimento da diáspora, frente a um mundo e frente a um país que durante quatro séculos teve sua economia pautada na escravidão. Um país que tem problema em mudar seu linguajar para deixar der ser o senhor do engenho, país esse com um dos maiores índices de genocídio negro, país autorizado pelo projeto político em vigência a caçar, torturar e matar indígenas, a vender e retirar a terra de quilombolas.

Vamos atravessar isso em recortes ainda mais reais, pois é algo que se estende à toda uma gente como já disse, à quem nunca conseguiu falar, à quem sempre serviu a mesa e limpou os pratos, à quem brincou com os brinquedos do filho do patrão, à filha da babá, à bisavó, a avó e à mãe que sempre foram empregadas domésticas num país de maioria negra. À quem não recebeu o mesmo olhar quando entrou no supermercado, à quem não teve a mesma oportunidade de emprego, de faculdade, à quem tá lutando para conseguir um diploma, à quem teve que abandonar tudo para cuidar do filho, à quem é sempre um abaixo da linha da pobreza, mesmo tendo o maior PIB da economia passando diariamente por sua mão, do gari ao ao promotor, à quem não aprendeu direito a ler nem escrever. Dá para perder a conta, quer dizer, não dá mais para perder essa conta, pois a dívida é impagável.

Os recortes são tantos, as necessidades, as relações com o que é essencial para ser alguém, quer dizer para ser um alguém específico, talvez esse humano modelo ocidental moderno, esse que possa ter as mesmas oportunidades que o mérito não disponibilizou para todos. Sabe?

Eu digo que não é preciso de conceito para perceber as relações de privilégio que nos circundam, e como sempre dizemos: o problema do privilégio é quando você não sabe o que fazer com ele, ou pior, quando sabe e faz uso apenas para si.

Mas calma. Você usou seu “privilégio” para terminar a faculdade em um

tempo de pandemia? Espera, o sorriso no rosto dos bisavós é o motivo que move a necessidade de trazer um diploma para casa, porque não se sabe quanto tempo mais se tem para compartilhar bons momentos numa celebração em família, com todos ali. Nos movemos e nossas necessidades caminham junto conosco.

Então, é por isso que algumas vezes pedimos o silêncio, pedimos a escuta, pedimos enquanto falamos que nos ouçam. Todos precisamos ouvir! Ouvir o outro lado, não um outro que nós demarcamos como sendo o outro, mas outros que nos superam, que nos fogem, que decidem por permanecer na movência e no direito de outras realidades e modos de interpretá-las. Ouvir histórias, narrativas fora das que nos teceram, para poder respeitar, saber lidar e até mesmo falar sobre o que está tentando nos descosturar agora.

Se alguém nos pede o movimento da escuta, será que não seria interessante sair desse lugar de quem apenas fala, e sempre falou, e hoje continua falando e não para porque agora a sua própria fala nutre uma necessidade de ser escutado que em algum momento também foi negligenciada? Percebe? Tira o fôlego. São mundos que às vezes se atravessam, mas de modos diferentes.

A questão talvez esteja em entender a diferença como o lugar que de súbito é atacado pelas palavras ordenadas de um pensamento de soberania. Existe um delírio bélico que atua a favor de quem tem a mesa para pôr e contra quem come com o prato na mão, ou ainda, atua entre quem só tem o prato e quem engole o vento. A diferença está entre quem vive e quem morre nesse delírio, entre quem deixa nascer e quem decide abortar, entre quem fala e quem sempre apenas escuta, calado, entre quem dita e quem obedece. Está na diferença que totaliza a violência racial e colonial que sofremos e na qual ainda padecemos.

A igualdade é uma palavra complicada, um campo de poder sutil que revela políticas de extermínio e ações assíncronas nas grandes necrópoles. Somos todos iguais: mesma quantidade de pão para quem tem fome diferente! Água só para quem pagou o mês e não proteste! Mesmo que você tenha dois filhos PCD’s (Pessoa Com Deficiência) em casa.

É necessário retirar algumas lentes, retirar o sempre medo de algumas palavras ordenadas, de um sentido de supremacia e soberania de vida, para poder enxergar. Esse igual que nos impuseram é uma senzala diferente, esse psicologismo que inventaram não entra, a gente vai até certo ponto, mas tem coisas que o humano, nem o modelo nem o que busca transcender, não alcançamos, somos finitos, limitados. Não somos deuses. Nós nos idolatramos, mas não passamos de poeira. E é quando alguém não alcança o corpo da norma, o comportamento enfileirado que se decide por empurrar esse para ser pego, para ser enterrado como indigente. Para ficar em cárcere sem ser visitado por trinta anos e quando for visitado, chorar feito criança no abraço do repórter.

Esse igual que arranja formas neutras de escravizar mentes e corações, um igual que não liberta, mas que aprisiona, esse igual é o mesmo patrão que demitiu a mulher grávida sem justa causa porque ela sabia que se engravidasse era rua.

Busco compreender aqui que todo o pensamento de supremacia racial é estrutural como temos dito, bem como as pautas da violência colonial que se vivenciam estão camufladas nos âmbitos recreativos e institucionais, propagando a mesma e antiga narrativa de invisibilização da realidade de corpos e grupos marginalizados e oprimidos. Continuam sim, só que agora com um tom de engajamento e publicidade do capital.

Assim como também todas as outras muitas práticas de vigilância e punição, que envolvem o massacre e extermínio através de alguma ordem social, relacional, psíquica, afetiva, emocional e religiosa, que o movimento aponta, elucida e vivência, não acabam, elas se dissimulam, se diluem, não deixam de existir quando eu passo a nutrir um perfil de cerimônias anuais a respeito por exemplo da consciência negra. Isso não é o principal!

Existe uma dicotomia que necessita acabar primeiramente em mim, e nas extensões de mim. As reações machistas que estão enraizadas no tipo de humor do qual rimos, a discriminação implícita nos comportamentos masculinizados que aprovamos e do qual não vemos nenhum problema, a intolerância disfarçada de ponto de vista que cultivamos, toda a cisma que nutrimos por não sabermos como lidar com o que é diferente de nós. Precisamos rever os modos como construímos nossas relações.

Mas assim como iniciei preciso também concluir apontando a necessidade de discernir, tema que também alimenta-me e circunda meu processo de criação na

escrita, porque a ingenuidade também faz parte do mesmo mecanismo que deseja roubar e destruir o real sentido da vida, essa ingenuidade muita das vezes tem seu partido pautado num pluralismo conceitual que dissemina princípios enraizados naquilo que está oculto, numa ordem de troca que alimenta a idolatria do eu. Sendo assim, precisamos combater princípio com princípio.

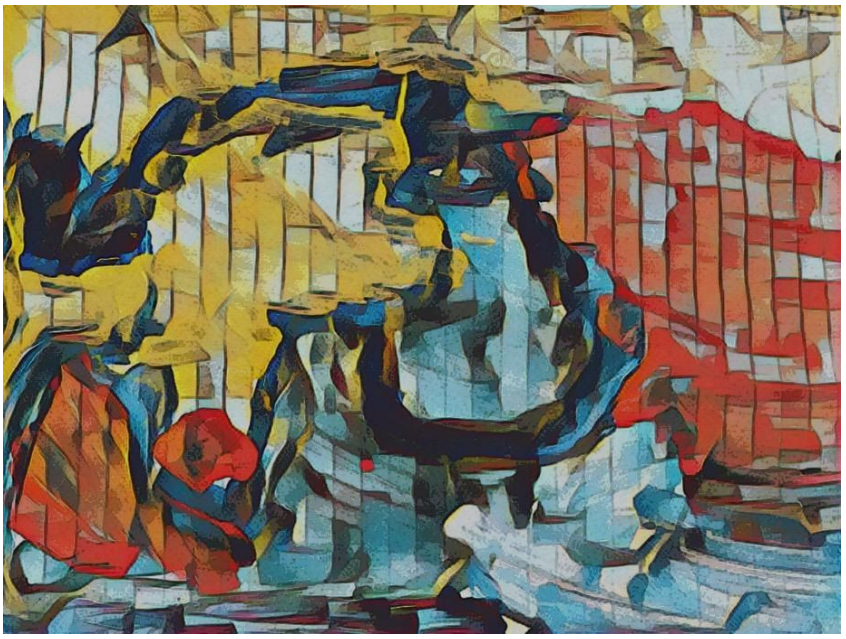
O discernimento é um princípio, inegociável aqui, que parte de uma cosmovisão onde este mundo no qual vivemos e nos movemos atravessa um grande conflito, onde a realidade e toda a gama de ordens que isso desperta, desde as indiferenças projetadas pelos discursos e posicionamentos hegemônicos globais em seus recortes territoriais, geopolíticos e econômicos, passando pelos atravessamentos dessas instâncias no público e no privado, chegando naquilo que é pessoal, que é íntimo, religioso, revela que o modo de se colocar é o escopo do pensamento crítico e que o criativo reside também neste lugar da expressão. É pelo discernimento que podemos observar como nos posicionamos e nos afetamos com o mundo, e assim poder notar o que necessita ser transformado.

*“Nem todo viandante anda estradas, há mundos submersos, que só o silêncio da poesia penetra.” (EVARISTO 2008)*

# 3. O COMO DA ESCRITA

## 3.1 A ESCRITA DE SI

**Imagem 8 - Raposa Miguel. Pintura digitalizada.**



**Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador**

Para localizar-me nesse lugar da escrita e compreendê-la como sendo uma escrita de si, começo então a pensar juntamente com Michel Foucault (1983) sobre a escrita como sendo uma “arte de si”, um disparate, um exercício pessoal de leitura da realidade, trabalhada numa relação com o mundo mediante os movimentos interiores de minha alma. Entendo que a princípio haveria na minha escrita um campo de relação com as minhas movimentações espirituais, acerca de meus temores e tremores, nesse tocante minha escrita falaria a respeito de alguém que volta-se a uma percepção sensível e crítica da realidade, percebendo e ordenando o mundo a partir destas lentes, onde ofereço aquilo que penso através de um olhar possível.

Como explicito no seguinte trecho de um texto publicado em meu *blog*:

> Enquanto escrevo, sou escondido, e ao mesmo tempo revelado, sendo minhas linhas compostas de um tempo que invade meus espaços, cada palavra convoca-me a uma proximidade particular da vida. Todas as lutas e provações diárias, internas e externas se

> costuram, compondo o silêncio dos olhos que escrevem. Enquanto mantenho meu coração coberto por suas mãos, minhas próprias mãos estão cobertas por seu coração. (AMORIM, 2020)

De certo modo minha escrita exerce sobre mim quando a leio uma espécie de constrangimento, chega a ser como ouvir minha própria confissão. Lembro novamente de mim sentado na sala de aula de minha infância, encarando os primeiros intempéries da escrita, escrevendo com força na folha de papel sobre como me sentia, sobre o que sentia em relação a uma situação de vergonha, de vermelhidão, um garoto de calça tucandeira, com jeitos e trejeitos afeminados que tinha um cotidiano encontro com olhares e brincadeiras maldosas. Ali naquela sala de aula eu estava colocando pela primeira vez aquilo tudo em uma redação, mas após ler aquilo que escrevera eu amassei o papel e disse a professora não ter feito o exercício. Entendo que naquele momento minha relação de escuta era outra, me escutar não era algo significativo frente às posturas que me puxavam a uma escuta apenas para exercer obediência. Mas existe uma movência que acompanha-me desde lá, de algum modo minha escrita, ainda hoje embala minhas relações, revela a mim mesmo, assustando algumas de minhas sombras interiores, me convocando a desfazer determinadas tramas de um inimigo que todos os dias entra em conflito comigo: eu mesmo.

Acompanhando esse primeiro movimento existente no meu processo, minha escrita se escreve como sendo um exercício de combate interno diário, um exercício do pensamento sobre ele mesmo; um pensamento que mergulha em si para reativar e rememorar o que já sabe, construindo princípios e regras, assimilando-as e levando-as para o real, que nesse encontro se rarefazem, se empoeiram e somem, então volto-me novamente para o papel, para a letra e prossigo o movimento, a poeira das regras e dos princípios está grudado na minha pele pelo suor do exercício, esse processo se acumula até ganhar ritmo e som.

Ao lado de Foucault (idem) deparo-me com um modo circular desse exercício, chegando a ser uma espiral. Existe algo que precede as notas, os rabiscos da primeira frase que escrevo, existe um momento, um tempo onde vejo-me retido porque ainda não ouvi o ritmo, ainda não alcancei o som, necessito então silenciar, fechar os olhos e buscar pelo coração moinho, preciso alcançar o movimento interno de meu coração para trazê-lo à escrita, fazendo emergir o pensamento como um

acorde, como um som que puxa as palavras de dentro para fora, ouço-o e então isso me permite uma releitura da primeira linha, o que revigora o movimento para fazer crescer o ritmo da escrita.

A partir desse ciclo que se inicia, minha escrita começa a gerar um discurso e elaborar o reconhecimento de princípios que a norteiam, como a própria cosmovisão, o toque no mundo primário e as caminhadas por entre os temas, que ao se reordenarem no mundo secundário desta escrita, constróem uma relação com características morais, revelando hábitos, crenças e costumes, esse processo da escrita de si possibilita a mim localizar-me na cultura na qual eu estou inserido.

Como também percebo no seguinte trecho:

> Pensar então que discursos embasam as ações dos veículos de comunicação, das instituições, emissoras, movimentos, religiões torna-se na realidade uma necessidade, pois a intenção que alicerça nossas falas, nossas colocações e silêncios é a mola que gera as ações de efetivação e relação com esses espaços. Intenções encobertas geram interpretações equivocadas e na busca pela verdade o ser humano se torna marionete dos seus próprios instintos e desejos. (AMORIM, 2020)

Continuo ao lado de Michel Foucault (idem), compreendendo a profundidade desse tomar uma nota crítica da realidade, como um disparo interno que busca captar aquilo que já foi dito, experienciado, vivenciado. Sons, ruídos, poesias, manifestos, memórias e fragmentos desses caminhares, com a finalidade de construir uma relação de mim para comigo mesmo frente a realidade na qual estou inserido, me fazendo exercitar uma auto formação através desses *logos* dispersos e fragmentários que são transmitidos pelo ensino, pela escuta, pela troca, pelo encontro e compartilhamento da trajetórias. Acredito que todo o conteúdo de uma vida se manifesta, na busca incessante por comunicar-se revelando sentido crítico nesse mergulho em si.

Concebo essa escrita no seu movimento como notas críticas e afetivas sobre o mundo que me cerca, notas construídas e atravessadas por elementos heterogêneos, provenientes de lugares variados, elementos diferentes e distintos do que está a minha volta, desde uma relação com uma memória até o sentimento e reação física de um machucado, minha escrita toma nota não somente de minhas experiências com o mundo primário para concebê-lo num mundo secundário artístico, expondo um modo de confecção de texto, mas entende isso como parte

própria do processo de assimilação que trabalha a partir do pensamento como mola propulsora de interpretação das realidades.

De modo que, acredito ainda, ao lado de Foucault (idem) me opor até certo ponto ao trabalho e desenvolvimento de uma estética gramatical padrão, que procura para determinado fim conhecer ou aprofundar-se numa obra de referência em sua totalidade para uma proposição conceitual apenas. Acredito que atravesso esse lugar mas não finco-me nele, muito porque como penso ser a escrita um lugar que possibilita rupturas nos modos de pensar estabelecidos como modelos de ordenação e vigilância de procedimentos, acabo endossando o contra significado disso, refletindo que pouco importa se existe uma leitura completa de determinada obra, é questionável para essa escrita se tenho aprendido tudo o que quiseram dizer ou ainda se eu sou capaz de reconstruir um conjunto de argumentação baseado em determinada biografia.

Importa-me antes ouvir narrativas outras, de pensamentos colocados como periféricos, investindo na abertura de caminhos ainda não dimensionados, de sistemas de pensamentos marginalizados e modos que ainda não chegaram a este espaço. Isso porque necessito neste trabalho questionar o processo doutrinal de unificação que os espaços escolares possuem e disseminam desde sempre através de seus modelos de ensino. Processos esses capazes de gerar o aniquilamento de pensamentos em diáspora de toda uma população que têm fome e sede, de pensamentos fugitivos e estrangeiros de si próprios.

Como também escrevo neste outro texto publicado em meu blog:

> Bem, isso não é fácil, digo conter e contar, não ser levado, ficar parado, por mais que digam onde devemos estar, todo processo de autocrítica sobre posturas e ações em sociedade não se estabelece do nada, o indivíduo como prescreveram passa pela balança dos porquês até se sentir desconfortável de menos para admitir que os modos de estar no mundo quase sempre são vigários e que cabe a cada um a noção de morte para determinadas ideias e vida para questões básicas de relação e conduta. Talvez eu esteja falando sobre processos de maturidade em um período propício à estagnação. (AMORIM, 2020)

Continuando com as proposições de Foucault (idem) e ouvindo suas palavras de análise constituo minha escrita em pelo menos dois outros princípios. O primeiro

seria uma série de questionamentos que chamo aqui de ATÔ: qual a verdade local daquilo que está sendo dito? Qual a verdade da sentença dada por minha narrativa? Do texto lido, do discurso que o constitui? Qual contexto isso revela? Como aquilo que está sendo comunicado na fala, nas imagens, nas palavras é capaz de imprimir e expor uma verdade local, uma narrativa ímpar, uma história própria de si, residente somente ali, capaz de revelar algo ainda não dito, ou trazer a tona a insistência de uma voz ainda não ouvida? E como essa verdade atravessa minha percepção, como chega ao meu coração e como de algum modo isso concebe o cerne de meu próprio processo de escrita?

Não pretendo adentrar nos critérios que estabelecem uma verdade, mas imagino que toda forma de ser possui a sua, e que esta necessita ser respeitada. O que não significa que ela não pode ser questionada, e que sua relevância não deve ser considerada, muito pelo contrário, seu modo de ser e estar são necessários para o fluxo existente da vida dentro do processo de escrita.

E nesse tocante estabeleço então uma outra série curta de questionamentos como princípio que chamo de AZÉ: qual seria o valor inegociável dessa narrativa que minha escrita produz? O que não pode ser tratado como escambo para esse processo? O que não pode ser dado como moeda de troca pela essência desse movimento que a escrita de si possibilita?

O que estou propondo, não é uma espécie de nivelamento para o que seria a escrita de si ante a outros conceitos de produção de pensamento, mas a concepção de suas travessias pelas realidades como elas se apresentam, e de como ao convocá-las para o espaço da escrita de si, as ampara e lança-as como um (des) caminho para expor-se ao mundo e pensá-lo de modo equânime. As narrativas, histórias e falas locais são necessárias de acordo com as circunstâncias em que nos encontramos, são meios pelo qual um indivíduo insere-se num determinado lugar, trazendo sua fala como enunciação de sua existência.

É dentro da minha escrita como um exercício, que todas essas proposições se apresentam, como partes integrantes do processo pessoal feito por si e para si, é uma arte da verdade interior, uma maneira racional de “combinar a autoridade das coisas já ditas com a singularidade da verdade que nelas se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso para cada sujeito.” (FOUCAULT 1983, pág 151)

Acredito que esse disparate possibilitado pela escrita de si não exclui uma unidade, porém essa unidade não é a composição de um conjunto unificado de ideias, pelo contrário, busca suspender uma realidade para que outras passem pela sua suspensão, conforme minha escrita no seguinte texto:

> Resta aos navegantes deste mundo novo desenvolver caravelas identitárias para continuar sendo, tendo e parecendo para aqueles que os seguem, *vigiam.* Quando a vida como nós a conhecíamos, *e o que conhecíamos dela?,* é suspendida, o que sobra, ou o que nasce, na verdade o que se mata? Que vida é esta que se apresenta? Que sentido é esse que estamos tentando descobrir? Por onde temos engatinhado de modo tão tateante? (AMORIM, 2020)

Antes a unidade se estabelece e encontra lugar naquele que produz a escrita, na sua constituição, no próprio gesto de escrever, de sua leitura e própria cosmovisão, e releitura da realidade a partir dela.

Insistindo em ouvir a voz de Foucault (idem) compreendo juntamente com ele que quando fala-se aqui dessa escrita como notas críticas de uma realidade constituída a partir de fragmentos heterogêneos é justamente porque isso se estabelece pela subjetivação de quem escreve no exercício pessoal deste ato. Como apresento neste outro fragmento de escrita:

> Às vezes costumo limpar minha vista com soro fisiológico porque sinto a poeira nas bordas dos meus olhos incomodarem, faço isso quando necessário, e depois percebo a diferença entre enxergar com poeira e com os olhos lavados. (AMORIM, 2020)

É pensar que o ato da escrita constitui um corpo repleto de seus significados próprios, esse corpo digere a matéria e não a mantém intacta, pelo contrário a escrita de si nesse processo propõe-se a ser um corpo de digestão, um corpo que se une e caminha junto a outros pensamentos, não chama apenas vozes que falem pela escrita, mas as digere numa espécie de ruptura ao modo de referenciação, essa escrita não deseja e não visa estabelecer doutrina. Esse corpo movimentado pela escrita de si transcende suas próprias leituras, se apropria e faz sua própria verdade delas. Como percebo neste outro trecho:

> Quando nossa família é alcançada por mentiras, quando nossas redes entram em conflitos de ego e desrespeito, quando os cargos começam a fugir de nossas mãos, quando as instituições se enfraquecem e queremos começar a salvar nossa fatia do bolo, quando os espaços de poder se amontoam em mais tirania, quando nossos ativismos e militâncias fecham os olhos somente naquilo que os apetece, obliterando e abstraindo apenas uma parte do todo para julgar o resto, quando já não se consegue olhar nos olhos, quando as

> telas são o novo mundo relacional, quando as mídias televisivas ditam o contingente, o que isso mexe em nós? Onde isso nos toca? O que sentimos e o que sabemos? Teorias de revolução bastam? Descolonizações e insurgências são o suficiente? A dialética histórica pode configurar mais uma síntese? (AMORIM, 2020)

A escrita de si ressignifica, transforma, rearranja a coisa vista ou ouvida em forças e em sangue, num movimento único e particular, essa escrita é uma ação e nessa ação aquele que escreve cria sua própria identidade através dessas notas. Observa o mundo e suas problemáticas éticas de semelhança nos modos e padrões de ser e estar frente a diversas questões sociais, existenciais e afetivas. Propondo um olhar não somente poético de si, mas encontrando nesse lugar de si uma afirmação também política e identitária, desenvolvendo uma fidelidade e uma originalidade que deseja escrever sobre os atravessamentos que constituem um humano cheio de falhas e vulnerabilidades, entendendo que nessa vulnerabilidade do corpo físico e da vida, também se estende ao corpo digestivo da escrita como uma potência no seu processo e que este estabelece um vínculo de tom religioso com o próprio coração, com a própria alma que necessita criar enquanto escreve.

Ainda nessa escrita, assim como se percebe que um corpo carrega filiação, que existem traços neste corpo que falam e conectam pertencimentos e histórias, existe de modo desviante uma semelhança, um jeito que sugere, que afirma nessa escrita, pronunciando uma filiação de pensamentos que estão gravados na alma, e nesse coração, um modo, uma forma de ver e enxergar a realidade e o mundo, uma cosmovisão que convoca espectros invisíveis da percepção, analisando os conflitos de poder em ordens diaspóricas do sentir, na crença de uma escrita em dispersão, letras estrangeiras de si próprias se apresentam, numa língua daqui, mas que busca revelar uma cultura e um lugar invisível, para trazer uma boa notícia, como que da morte para a vida. Declarando ao tempo uma existência infinita. Como busquei revelar nesse trecho publicado também em meu blog:

> Permita-nos de algum modo ser como você, para ser de você extensão do real discernimento, entre os véus que nos separam e nos impedem de observar a distância e a profundidade da realidade e que mesmo assim não nos acostumemos com uma ideia de mundo real como este se apresenta. Lutando contra o que não é carne nem sangue, mas que opera sobre o humano, lutando ainda contra o verbo distorcido e as verdades manipuladas dos sistemas. Para que num outro sempre não haja medo, para que num outro sempre as palavras ordenadas sejam da essência transcendente do amor

> encarnado. Para que num outro sempre isso aqui não seja necessário, para que num outro sempre possamos falar de nossos lugares e isso seja parte do aspecto plural de unidade. (AMORIM, 2020)

## 3.1. A ESCRITA DE SI COMO UM (DES) CAMINHO DE RUPTURA NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO E DA PESQUISA.

**Imagem 9 - Duo espiral sobre pontos de tensão.**




**Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.**.

Chego então a esse momento da pesquisa, bastante mergulhado no processo de afirmação de minha escrita como sendo um lugar de potências para refletir sobre a realidade. Acredito que chegar a teoria não seja fácil, na realidade não é, não é um acesso para todos, não é um lugar que aceita toda gente, tem um público bem demarcado, quer dizer tinha, espero que com o tempo os muros levantados se transformem em pontes, espero que esta escrita seja uma delas e que outros passem por cima, pisando firme para também continuarem a escrever suas trajetórias, histórias, memórias e cosmovisões, que sintam-se à vontade em descobrir os paradoxos de suas pesquisas e investigações.

Nesse tom um tanto insistente sobre algo que já parece ser comum para todos, mas que de fato é segregador em muitos recortes, é que me aproximo para ouvir a forte voz de Bell Hooks (2013) que me atravessa, possibilitando-me um pensar junto a respeito desse lugar da escrita e da teoria. Pensá-lo como um espaço que precisa

ser ocupado, transgredido e desmistificado, entendendo que a teoria não é libertadora e nem revolucionária, que na realidade ela só cumpre essa função quando aquele que a exerce a dirige para essa prática.

Penso repetidas vezes que ali naquela sala enquanto eu escrevia sobre as questões que me doíam na infância, sobre os olhares e experiências com a minha sexualidade e cor de pele pelos quais passei e ainda passo, eu me envolvia em um exercício crítico sobre a minha realidade, só não dava àquilo o nome de teoria. Quando hoje, busco ler essa cena de minha vida contra a flecha do tempo, pela ótica de uma memória crítica de revisitação, ela me parece muito mais significativa do que aquilo que vivenciei no instante preciso do acontecimento, é como se ao relembrar essa cena vivenciada eu agregasse um valor simbólico a ela que aqui ganha toda uma potência de reflexão, vejo a escrita de si ocupando esse lugar de ressignificação do próprio valor crítico que ela possui. O que me faz pensar a respeito do significado que algo possui a partir de sua conceituação.

Bell Hooks vai me ensinar que “a posse de um termo não dá existência a um processo ou prática; do mesmo modo, uma pessoa pode praticar a teorização sem jamais conhecer/possuir o termo” (pág. 86. 2013). A relevância disso para pensar o momento que vivemos é de tamanha densidade que gera uma mudança significativa neste trabalho, não uma mudança temática, mas uma elucubração no sentido político dessas palavras escritas até aqui, estou de fato a ocupar um espaço, a criar uma zona de sentido para o meu trabalho que sustenta uma luta e uma disputa dentro do cenário social, mais ainda político da teoria e da academia, causando de algum modo rupturas necessárias para legitimar não somente uma palavra, uma letra, um modo de escrita, mas para desvendar a potência do discurso que está dentro dela.

Sobre quem para além de mim se trata esse processo? Pois no decorrer de minha trajetória, as mudanças e transformações pelas quais passei, não passei sozinho, passei tendo em mente que aquilo que me altera e me impulsiona diariamente, trata-se de um movimento inquieto de toda uma geração, de uma multidão de pensamentos e vivências compartilhadas durante minha formação acadêmica e pessoal. Desse trânsito quase impossível de separação é que alimento o desejo de falar criando, sempre em processo. Esse lugar que acabou por expor, refletir e tensionar nessas linhas é minha grande descoberta, minha fuga também, minha necessidade de dar cores a um mundo de compreensões e relações, foi e é o

que vem movimentando-me, alimentado esse e os demais processos de percepção que desenvolvo em arte, mais especificamente o teatro.

Ao me perceber nesse lugar e pensando ainda juntamente com Hooks (idem) se torna possível enxergar que o ato de nomear algo, de agregar sentido teórico, de conceituar um termo é uma espécie de privilégio que abre à muitos poderosos; pessoas que ocupam determinado espaço ou lugar de poder um acesso a meios e modos de comunicação que os habilita, que os legitima a projetar uma interpretação, uma afirmação, uma descrição de seus trabalhos e de seus atos e procedimentos que pode não ser legítima, no que tange sua ética, que pode ainda estar ocultando, escondendo o que de fato está acontecendo. Essa é uma reflexão constante que pode ser notada em outros campos, não é preciso ir muito longe para encontrar histórias e narrativas que revelam o que pessoas podem fazer ao utilizarem o poder de seus diplomas e *status* sociais, não podemos acreditar que dentro do campo da teorização seria de outro modo.

Refletindo nisso percebo o lugar de onde estou a escrever e reconheço todo o des caminho já aberto até aqui por esta academia, um des caminho de perturbação, como também ouço Bell Hooks (idem) afirmar, uma perturbação para com os padrões manifestados por muitas academias brancas, centradas em um sistema de pensamento europeu, onde se dedica um grande esforço para impor critérios de avaliação crítica que são usados para definir o que é ou não teoria, critérios estes que de um modo determinado separam, confiscam e desvalorizam trabalhos que não se encaixam num padrão de pesquisa que possa levar o selo de científico, trabalhos considerados não teóricos ou não suficientemente teóricos.

Acho de extrema importância o questionamento do que esse modo de valorização da produção acadêmica pode significar em ampla escala, a constrição que isso pode acarretar por sobre as gerações que adentram as universidades e academias. Se existe uma espécie de nivelamento do pensamento, que sentido ordenado de se fazer replicação metodológica se está instaurando para aqueles que estão por vir? Acredito no risco, que o retardamento de transformações nos pilares, nas fronteiras e infra-estruturas onto-epistemológicas de nossa sociedade, se deve parcialmente ao modelo de aceitação acadêmica que ainda pode estar sendo sustentado.

Estamos de certo falando sobre um combate que vem sendo travado a muito tempo dentro de espaços acadêmicos, para que haja um devido progresso em

relação a esses critérios e que reverbera inclusive na realização desta pesquisa, não obstante é por essa via que se faz tão necessário o reforço, o registro e a fala, agora.

Existe aqui então um vislumbre, uma necessidade de deixar apontado um caminho para esta pesquisa, de continuar a pensar caminhos e principalmente (des) caminhos para a construção do pensamento em processo de criação. Como girar estratégias, espaços e investigações para que mais vozes e narrativas cheguem a esse lugar e tenham garantidos seus direitos de existir enquanto pesquisas? Tenciono ainda ao lado de Bell Hooks que neste cenário “o silêncio é um ato de cumplicidade que ajuda a perpetuar a ideia de que podemos nos engajar na libertação social sem a teoria” (pág. 92. 2013)

## 3.3 PENSAR ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO: UMA RELAÇÃO ENTRE OS MUNDOS DA VIDA E A ESCRITA DE SI

**Imagem 10 - Olhando para fora. Colagem digitalizada.**




**Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador**

A partir dessa compreensão, onde percebo a escrita de si não somente como uma possibilidade de busca pessoal, de encontro e partilha, mas também dela

como um exercício de olhar a realidade à minha volta e de perceber-me nela, é que começo a compor um lugar de experiência com o outro e então afirmar esse encontro enquanto um modo de se fazer pesquisa e teorização, começo a pensar para recriar os caminhos que já trilhei sobre como o processo de uma escrita de si, poderia ser identificado em espaços não formais e informais de educação. Começo a imaginar a relevância da escrita não somente como uma produção conteudista, mas como um modo de busca por expressões íntimas de pessoas envolvidas nestes processos de educação, que possam de algum modo expressar suas cosmovisões e seus modos de relação com a própria vida.

Para isso, começo a delimitar o que seriam os espaços de educação não formais e informais de acordo com as experiências e vivências que possuo em Movimentos Sociais[2]. Acredito ser necessário interpretá-los por uma ótica menos idealizada, no seu sentido menos contemplativo, se faz urgente olhar estes espaços de modo a absorver deles, não uma essência, mas suas possibilidades de encontro como sendo o ponto primeiro que fará deles também um processo que se constrói no ato da vivência, como uma escrita no próprio espaço, uma escrita de vida que abre seu espaço no tempo. Tanto o espaço não formal quanto o informal são construídos no processo de busca por pertencimento dos corpos que neles transitam e que ficam ou que deles se distanciam por alguma questão que se percebe no contato com esses corpos; vidas que enxergam nesses lugares alguma espécie de fuga de determinados outros lugares hostis que compõe suas rotinas.

Ao lado de Maria da Glória Gohn (2006) passo a reflexionar e compor junto as suas contribuições sobre como os espaços não formais e informais de ensino estão localizados dentro de um imaginário social que está na margem de um organograma do sistema educativo graduado e hierarquizado, que se desenvolve de modo predominantemente colonial. Onde as histórias desses espaços estão em constante resistência, em sua maioria por localizarem-se geograficamente em periferias, distantes das megalópoles. Em espaços não formais e informais o contexto ou situação educativa se desenvolve em ambientes construídos coletivamente, onde a participação é voluntária.

É necessário buscar pelo entendimento de que o local, o espaço ou o território onde se educa, apresenta-se como uma das questões fundamentais na

[2] Movimento República de Emaús, atuação com jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, área de socialização com Teatro. 2019.

distinção dessas configurações educativas, pois o espaço caminha junto às trajetórias de vida dos grupos e dos indivíduos. Existe uma relação afetiva e de criação nesses espaços, não se trata apenas de um local para a transmissão de conteúdo, mas de um espaço onde existe a criação de vínculo para além da relação aluno professor, a extensão desse papel alcança outros indivíduos envolvidos nos processos que estes espaços criam.

Isso elucida que o próprio espaço possui interferência direta nestes processos. Acredito que de certa forma essa percepção deveria ser dada a todo contexto educacional contemporâneo, pois além de acionar a zona do sensível no que tange relacionar-se com a história do outro, perpassa por uma questão política e ideológica. O que pode ser feito enquanto ação transformadora a partir de uma vivência onde o aluno naquele local aponta outros espaços de opressão no seu cotidiano? Como proceder quando esse espaço é a sua própria escola formal do bairro? O fato de apontar outros contextos retoma a ideia de que o indivíduo, situado nesse espaço como aluno, chega ali com toda a sua trajetória, não podendo se desvencilhar dela para adentrar esse local, muito menos para participar do processo do qual fará parte ali.

Acredito que no tocante aos espaços não formais e informais de educação, que ambos possibilitam a abertura de janelas para o conhecimento sobre o mundo que cerca os indivíduos, essas janelas também são uma potência no que diz respeito a fazer uma leitura e uma escrita de si, de suas representações, simbologias, conjunto de significados e significantes criadas por essa pessoa para administrar o seu próprio cotidiano. Ao se falar de representações e significantes estamos falando de como esse indivíduo reage às interferências dos meios em que habita e de como o mesmo as interpreta de acordo com a sua construção pessoal, se ele se dispõe ou não a dialogar com elas, a repensar gestos, intenções, respostas e compreensões.

Visualiza-se aqui então uma possibilidade de transformar a relação que este indivíduo tem com o meio, a partir desse processo dialógico que atravessa a escrita de si, de um modo a acionar os movimentos internos de uma pessoa para que ela construa uma resposta, mesmo que silenciosa sobre aquilo que lhe é colocado, do mesmo modo que esse processo o fará questionar sobre o sistema que impera sobre sua vida. Existe uma intenção nestas modalidades educativas, de participar, de aprender, de transmitir ou compartilhar saberes, tornar-se; vir a ser capaz de

ocupar o lugar de cidadão do mundo, no mundo, através de uma posição menos subjugada e mais encorajadora.

Acompanhando ainda Maria da Glória (idem), consolido que neste meio o educador é o outro, com quem se interage ou se integra, isso fomenta a ideia de que os objetivos dos espaços não formais e informais de ensino não são dados por uma figura apenas, eles se constroem na interação, no encontro, no tato sensível do que esses corpos que ali se dispõe ao processo trazem e apresentam, este dinamismo não se organiza por níveis, idades ou conteúdos e pode atuar ainda sobre os aspectos subjetivos deste grupo.

Aqui talvez se faça necessária uma distinção entre o que seria o espaço não formal e o que seria o informal, para conseguir de tal modo perceber que embora atuem por nomenclaturas distintas e sim, possuam suas peculiaridades, ambos constituem a frente de uma luta e representação que convergem em interesses, pautas e objetivos concernentes ao processo de educação que desenvolvem. Colocá-los então lado a lado é também uma escolha política, onde a necessidade de enfrentamento se apresenta na e pela resistência já mencionada desses espaços. Enquanto indivíduo que possui vínculos com espaços como esses, consigo perceber o toque de suas inclinações e assim conceber uma espécie de aproximação.

Maria da Glória vai dizer que “a educação não formal é aquela que se aprende no “mundo da vida”, via os processos de partilha de experiências, principalmente em espaços de ações coletivas cotidianas" (GOHN, 2006, p. 28). O mundo da vida mencionado por Maria não é simplesmente um mundo solto, inventivo que não possui lugar de trânsito para o indivíduo, é antes o mundo de sua própria realidade que ganha vida quando este o percebe mediante o toque que o espaço não formal possibilita, seu mundo é também a janela de onde ele busca perceber a realidade e dela grita sua expressão. No espaço não formal o indivíduo começa a compreender também que existem outras janelas e outros mundos da vida; amigos, colegas, outros que se expressam de janelas parecidas ou diferentes. Aprendem nessa partilha de mundos e experiências, que suas ações de reconhecimento em coletivo são capazes de causar brechas nos muros para assentarem suas janelas; pintarem o mundo de suas próprias vidas.

A autora vai apontar também que a educação informal é “aquela que os indivíduos aprendem durante o seu processo de socialização - na família, bairro, etc. - carregada de pertencimento e sentimentos herdados” (GOHN, 2006, p. 28).

Quando Maria da Glória aponta o processo de socialização, ela acaba por configurar uma das questões mais caras ao espaço informal de educação, que é o modo de assimilação de hábitos e da própria cultura que determinado grupo ou indivíduo social desenvolve. E quando fala-se de modos de assimilação é que se faz tão necessário embarcar no mundo das vidas que ali se apresentam, pois é a partir destes mundos, que hábitos enraizados se transformam se compartilham e se ressignificam, é no contato com essas realidades que a necessidade de uma compreensão relacionada a cultura desperta-se. A assimilação, portanto, é o campo de atuação da socialização e esse trabalho se caracteriza de modo primário dentro de espaços informais.

O indivíduo adentra este espaço informal e é na socialização que ele irá apresentar suas questões e necessidades, é nesse espaço criado para recebê-lo e acompanhá-lo que as lacunas de seu processo formal de ensino também se escancaram. Gohan vai considerar a educação formal como aquela que é "desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados" (GOHN 2006, p. 28).

Ainda com a autora (idem), permito-me compreender e expandir a partir de minhas próprias observações relacionadas aos campos formais, que são os procedimentos convencionais que os cristalizam, distanciam e por vezes excluem as outras configurações educativas compreendidas mais acima. A educação formal então revela e ressalta o critério estrutural ao qual reportar-se, apontando-o, compondo-o, configurando-o e apresentando-o em seu caráter institucional, no seu próprio sistema de ensino, e em sua grade curricular, mantendo como base as dimensões políticas, ideológicas, administrativas e legais de uma estrutura de poder à qual reporta-se. Sendo assim, ao manter estes critérios, o formal é o que se define em cada país e em cada momento, as leis e outras disposições administrativas, demarcando uma profundidade alicerçada na própria estrutura e infraestrutura dos poderes constituintes de determinado projeto político.

Aqui, há de se pensar que o que parece estar no mote quando pensamos sobre a construção de espaços, e se fala em construção em muitos aspectos, é dizer também que a história dos espaços não formais de ensino, tanto no campo de pesquisa teórico quanto no que diz respeito a sua própria vivência e representatividade, está em constante contra significado às estruturas formais. O espaço não formal de ensino por exemplo é aquele que fica como já foi dito, a

margem dessa construção e desse mesmo organograma político e social, que demarca seus títulos e hierarquias e deles delibera a construção de parâmetros e critérios avaliativos para o que determina e sequencializa sua continuidade e perpetuação.

É necessário compreender que as configurações de educação não formal e informal não alimentam-se de si próprias para trazer suas pautas, estes modos de pensar o ensino, também não emergem com o intuito de tomar o lugar da educação formal, mas possibilitar a abertura de outros espaços e de fomentar uma crítica destituinte a norma que opera no campo formal, causando o questionamento e o tensionamento referente a essa estrutura, afirmando haver abismos de conscientização social nesses espaços e de que dentro desse modelo e dessa forma existe um alicerce excludente, colonial e por vezes opressor.

Os lugares construídos pela educação não formal e informal movimenta muitas questões de lugar, muitas ideias se aplicam, outras se contra significam, na intenção de não retomar a mesma forma opressora que foi imposta, pois há dentro do espaço formal uma implicação, a sensação de aprisionamento de nós mesmos em um modelo*,* algo que realizamos, mas do qual não nos damos conta, nesse processo de não identificação daquilo que nos oprime ou mesmo engessa “temos a impressão de estarmos sendo colonizados, mas sem que saibamos ao certo por quem” (AUGÉ, 1998, p. 7). Quando Marc Augé aponta essa questão, ele está retratando o drama invisível do controle que atua sobre nossos corpos nos espaços que transitamos, ‘o estar sendo colonizado’ é uma expressão que faz referência a todo um processo de encobrimento da identidade e do reconhecimento de si próprio dentro de espaços onde existe a determinação de um modo de ser e estar que é bem-vindo enquanto que ao definir o que é bem-vindo, outros tantos modos são repelidos.

Isso reforça o fato de que nossas ações na contemporaneidade, principalmente as que dizem respeito a continuar falando e construindo o lugares formais, não formais e informais de educação bem como os projetos que os alicerçam, devem estar em sentido oposto ao pensamento colonizador, pois sabe-se que a colonização enquanto um período histórico de maior atuação pode ter sido amenizado, mas entende-se para além que esta nos deixou de “herança” processos

de colonialidade; uma perpetuação nos modos de pensar e se construir sociedade que não cessam de abrir fendas no percurso da promoção de equidade entre as narrativas negligenciadas durante o processo de colonização e as que sempre foram centralizadas como a história a ser contada e ensinada.

Começo então a ler o caminho escrito de Aníbal Quijano (1997), (des) caminho ao seu lado e começo a refletir juntamente com ele que a colonialidade ultrapassa o contexto da colonização e se configura como um modo de explicar a continuidade das formas de administração coloniais e de dominação que ainda são reproduzidas pelos mecanismos contemporâneos. Seria ela ainda um exercício de poder e dominação estritamente moderno da soberania que interliga a formação racial, o controle do trabalho, o estado e a produção do conhecimento.

Ao olhar para a densidade dessas questões consigo de algum modo compreender a necessidade em discuti-las aqui, nesse tocante da pesquisa, quando se fala da compreensão de espaços não formais e informais de ensino nos deparamos de modo ainda mais expressivo com a relevância de levantar essas questões e de se repensar sim o modo como encaramos a construção social feita a respeito dos espaços formais de ensino. A questão da colonialidade vem apenas como um tensionamento possível para consolidar as reivindicações necessárias na construção de outros espaços como o não formal e o informal, tanto nas práticas que eles desempenham quanto no registro histórico que possuem.

Se traz essa questão em determinado ponto do trabalho, para de algum modo consolidar diversos dos apontamentos desenvolvidos pelo processo de minha escrita de si e de como a enxergo como um espaço não somente de diálogo pessoal, de exercício onde tomo notas sobre a realidade, mas como uma possibilidade metodológica para processos de socialização em espaços não formais e informais de ensino que buscam pelo descolamento do pensamento cristalizado hegemonicamente, não somente na atuação dentro desses espaços, mas na reflexão efetivada a partir das relações com os mesmos. Trata-se da percepção do pensamento enquanto o lugar tanto de criação para a pesquisa e o processo quanto de memória e lembrança ao visualizar ações expressivas já efetivadas e experiências em desenvolvimento. De certo modo, esse (des) caminho de construção da escrita e de relação com uma prática é uma fuga ao modo

estabelecido de instaurar conexões entre aquilo que se teoriza e aquilo que se desenvolve enquanto prática, buscando uma ortopraxia individual dentro de minha movimentação artística e educacional,

Para pensar então sobre essa relação de encontros, desencontros, identificação memorial e processos em aberto com a escrita de si dentro e ou nas bordas de um socialização em espaços informais e não formais de ensino, arrasto minha cadeira para fora da fileira e sento-me ao lado de Paulo Freire em um círculo (1970) para pensar juntamente com ele que a conceituada Educação Bancária, dissolve as camadas de uma hierarquização dentro do sistema de educação brasileira, configurando-se e transpondo suas referências militares e administrativas que por vezes centralizam um pensamento hegemônico, que aponta exemplos nítidos de soberania e controle, ao enfileirar os alunos com o objetivo de aplicar uma norma de conduta e comportamento, aprende-se aquilo que a figura de um professor graduado passa enquanto conhecimento, acionando todas a diretrizes institucionais para tal ato, construindo um processo disciplinar que apenas narra conteúdos.

Penso ainda com Paulo Freire (idem) que existe uma espécie de petrificação nesse modo da narrativa de conteúdos, algo quase morto que implica num sujeito narrador e em objetos pacientes, esse tipo de modelo narrativo que transmite conteúdos de forma estática é quase uma enfermidade. Olho para esse lugar e percebo um processo parado, alienado, que se comporta bem, que compartimenta e separa a vida real daquilo que é transmitido pela narração e dissertação disciplinar que por vezes desenvolve algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos. Aquele que está na posição de educador acaba por ocupar um lugar dentro dessa configuração educativa que encarrega-se de ser um indiscutível agente que enche os educandos com os conteúdos de sua narração. Paulo Freire vai reconhecer que esses conteúdos são uma espécie de retalhos da realidade (1970, p 61), pedaços soltos desconectados do todo. Penso neles como recortes realizados que engendram uma visão de mudo mecanizada e dicotomizada.

Acompanho Paulo (idem) em sua inquietação com a palavra e consigo juntamente com ele observando esse processo educativo, percebê-la como sendo aos poucos no processo e no desencanto esvaziada de sua dimensão concreta, a

palavra escorre feito água de seu lugar significativamente expressivo, deixando de criar sentido para realidades internas, ela estagina nesse lugar onde as fileiras tem mais sentido, a palavra torna-se oca, uma casca repleta de uma verbosidade alienante, ela se torna um ruído que não se compreende, que não se assimila e aquele que não alcança o sentido dessa palavra casca oca é delimitado, separado e dele se sequencializa a pressão do chamado aluno “burro”, aquele que é motivo de piadas e risos crescentes, esse aluno ri as vezes de si próprio e de sua incompreensão. Esse é também aquele que encobre o desencanto com a palavra com uma espécie de desinteresse total com aquele espaço, com a sala, com a ordem, desse modo e de outros ainda mais profundos, determinam-se os lugares nessa fileira, esquadrinharam-se sonhos, catalogam-se futuros promissores e o sistema estrutural que parecia tão distante desse lugar engrena na formação subjetiva dessa configuração educacional e dos corpos mundos da vida envolvidos nesse processo.

E quando a palavra se revela nesse lugar, desse modo, começo a identificar o pensamento de minha escrita e de meu processo de criação como sendo uma possibilidade de repensar e ressignificar os processos de opressão com a educação formal que vivenciei e que percebo se repetirem ao longo da história. Na continuidade dessa identificação, alcanço também que o processo de criação dentro de uma escrita de si promove a construção de pontes entre mundos, realidades, experiências e histórias de vida, podendo essa ponte estabelecer enunciações e escutas desses mundos, causando um confronto pessoal e disruptivo necessário para processos de formação.

A afirmação da escrita de si como sendo esse possível lugar, vem de outros processos que me possibilitaram entender mais a realidade, através de processos que se deram num espaço informal de educação, onde atuei como educador através da socialização com jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social que vivem, compõem e realizam os espaços informais e não formais de educação. São corpos, vozes, vidas como eu que também percorrem suas trajetórias e próprias letras, que constroem seus próprios atravessamentos e percepções do mundo, pessoas que escrevem de si para o mundo, não necessariamente com as palavras escritas no papel, são escritas feitas com olhos, com toques, com mãos, escritas feitas de risadas e lágrimas, partilhas de canções. Escritas feitas do dia a dia. De

algum modo percebo tudo isso, constituindo lugar e movimento aqui dentro de minha pesquisa, pois a memória ativa e crítica não deixa de circundar o corpo deste trabalho e de retomar para dentro de si significantes redimensionados no processo de escrita.

É de fato importante compreender que esses corpos dos quais estou falando tão brevemente e que sei necessitarem de espaço, pois em si carregam o sentido amplo daquilo que enxergo enquanto (des) caminho e dois quais rememoro para construir essa identificação da escrita de si aqui e para os quais meus próximos passos da pesquisa apontam, são os mesmos corpos que ao serem determinados por um sistema opressor acabam por traçar uma caminhada repleta de negligências e dívidas históricas, cotidianas e estruturais que afetam de modo direto suas construções e visões de mundo. Esse é aparelho de opressão estrutural que atua interseccionalmente através das sobreposições e dos recortes de classe, de raça e de gênero que não por acaso, hoje são as questões de maior atenção dentro de uma crítica política e social.

O sistema do qual parto em crítica constante e sobre o qual decidi investigar através de minha pesquisa e escrita de vida se utiliza dos constructos e do lugar identitário de uma branquitude para prover a manutenção dessas opressões, nesse tocante vale ainda desvelar a constante negação dos aparelhos desse sistema, ao afirmar a identidade, ou o discurso identitário, assim como seus estudos como sendo uma questão ou problemática apenas da pessoa negra, não branca. Essa ação estrutura um ensejo do não reconhecimento da cor do indivíduo branco, de seu gênero e classe social como sendo também e primariamente um estabelecimento de identidade global desenvolvido e dissolvido estruturalmente na história da humanidade para ocupar e demarcar espaços de poder.

Essa mesma disposição se oculta nas infra estruturas e nos pilares da sociedade moderna, impossibilitando de forma reacionária e objetiva que corpos e mundos, dos quais falei e trouxe a memória anteriormente, ascendam e venham a emergir socialmente, politicamente e intelectualmente. Esta não é uma fala de agora, ela é aqui uma necessidade de reverberação de outras vozes que gritam desde sempre. Embora essa realidade venha sendo combatida e transformada por mãos e pensamentos em diáspora, é pela perpetuação dessa visão, pela

propagação de uma luz negra que ofusque a desigualdade e que almeje a equidade é que ainda toca-se nessa ferida, num movimento de cura, para que em algum momento, um corpo de luz e entendimento resplandeça. É entre essas percepções que enxergo se apresentarem através também da escrita de si, modos, jeitos e (des) caminhos para se sentir o mundo.

## CONCLUSÃO

Pela impossibilidade de não enxergar essa realidade que também me alcança, sendo um corpo negro, periférico e pobre é que construo esse (des) caminho de travessia e afirmação dentro dessa pesquisa, desenvolvendo-a nesse lugar de ocupação e reivindicação de espaços, onde busquei até aqui entender a priori o meu processo de escrita de si como um caminho de reconstrução e revelação de percepções outras da realidade, para que um dia deixem de ser outras e se tornem uma também, e que por conseguinte encontram-se na identificação não de um conceito que se vê atuando em outros discursos, lugares e corpos, mas na força de um movimento vivo que tem trafegado na contramão e contrassignificação dos sistemas de pensamentos colonizadores e hegemônicos.

Não sei bem até onde posso chegar com isto, mas percebo a potência existente em dizer de mim para o mundo a forma como ele se constrói na minha própria vista, e imagino que relação isso pode desenvolver com o outro num sentido horizontal. Estou aqui agora, andando na visão de quem escreve e percebe nisso um caminho para refletir e pensar, onde minha cosmovisão e os movimentos interiores de minha alma vão construindo um sentido de percepção e observação da realidade, desvelando temáticas e assuntos que vão encontrando-me ao longo do processo, que vão tomando forma e potência durante a digestão dessa pesquisa. Onde não busco por uma organização sistemática do meu pensamento, mas por um processo orgânico onde a digestão de tudo o que me constrói e de tudo o que toma forma a partir de minha escrita e de meu processo de criação, se faz contínuo, superando o próprio material escrito. É aqui também que busco tatear uma relação mais pessoal com outros escritos e modos de pensar a pesquisa e a teoria.

Percebo nesse (des) caminho até aqui o mundo que busquei apresentar, meu mundo de questionamentos, atravessado nos vazios das palavras, no silêncio das respostas, até aqui tudo se reveste em um ato de morte simbólica, um ato que vai entrar em cartaz, não me pergunte como, nem quando, ainda escrevo em uma aula de redação, buscando romper com as fileiras e entregar meus escritos, sou essas linhas em constante memória e o que entrego não passa de um registro material daquilo que sou em ato de fuga, minha escrita até aqui não possui tom conclusivo, na realidade vejo pesquisas de mim em aberto, tentando se encaixar em

palavras finais, não desejo isso e por isso escureço minhas palavras no intuito de nunca dizê-las por completo.

Digo, qual a real potência de uma conclusão? Percebo cada página por onde passei, minha pele, profecia e discernimento, palavras, pensamentos, pensamentos e palavras, que dizem muito, que sussurram a expressividade daquilo que para mim não está parado, meus garranchos estão dispostos a quem queira os apagar para reescrever, pois o que está aqui, antes é meu ato de oração e isso não se apaga, é meu pranto, meu choro e meu clamor para uma geração, está aqui, nessas linhas, nas que antecedem essas páginas e nas que sucedem minhas últimas palavras.

Não deixo de caminhar e assim des caminhar o próprio caminho que me traço, de escrever, dentro e não por trás, com todas as dúvidas e certezas que possuo, ando escrevendo com paradoxos provisórios e redes em dispersão, caminho pela escrita e pelo processo como estrangeiro, porque sei que em breve partirei, dormirei na terra e daqui não voltarei para essa vida, mas antes preciso combater um bom combate, guardando a certeza e o discernimento de que embora nos esforcemos para alcançar um sentido de vida, o caminho para nela é estreito, luminoso, quente e posso ouvi-lo dizer: esta realidade é distante e profunda.

Por isso não deixo de profetizar: tocamos apenas a superfície da realidade quando vagueamos, nossa escrita promove um discernir, um aprofundar no mundo de si para melhor ver em volta, a ordem dita natural das coisas como nós a vemos, oculta não somente sistemas e aparelhos de opressão contra os corpos, mas que pela via de outras ordens perpetuam uma opressão sob a alma, sobre um sentido de identidade que possui propósito para além do que o olho pode ver. Caminho por minha escrita no aguardo daquilo que o olho ainda não ouviu, ouvido não ouviu e que meu coração moinho ainda não sentiu

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **A guerra dos sonhos.** Oeiras: Celta, 1998.

AUGÉ, Marc. **As cartas de J. R. R. Tolkien**. Org. H Carpenter. Curitiba: Arte e Letra, 2006.

AMORIM. Matheus. **Dramaturgia:** o monólogo do fim. Janela Para o Mundo. Ananindeua, 31 de Maio de 2020. Disponível em: https://janelaparaomundo.medium.com

AMORIM. Matheus. **Discurso e Intenção**. Janela Para o Mundo. Ananindeua, 26 de Junho de 2020. Disponível em: https://janelaparaomundo.medium.com

AMORIM. Matheus. **Notas de uma Partitura**: a ecopraxia do caos. Janela Para o Mundo. Ananindeua, 24 de Agosto de 2020. Disponível: https://janelaparaomundo.medium.com

AMORIM. Matheus. **Árvores que andam**. Janela Para o Mundo. Ananindeua, 14 de Julho de 2020. Disponível em: https://janelaparaomundo.medium.com

AMORIM. Matheus. **Árvores Secas**. Janela Para o mundo. Ananindeua, 19 de Julho de 2020. Disponível em: https://janelaparaomundo.medium.com

AMORIM. Matheus. **Monólogo manifesto**. Janela Para o Mundo. Ananindeua, 23 de Outubro de 2020. Disponível em: https://janelaparaomundo.medium.com

CLARK, Lygia. O Breviário do Corpo. **Revista Concinnitas**, 2015

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos Nossos Amigos**: Crise e Insurreição. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Da calma e do silêncio**. Voz brasileira, Marina Iris - Tema. 2019. Disponível em: https://youtu.be/ZfV3pQEtsas

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Forense Universitária. 2004. (Coleção Ditos e Escritos V).

FREIRE, Paulo. (1970), **Pedagogia do Oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. Capítulo II, p. 65-87

GOHN, M.G. (2006). Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação das políticas públicas de**

**educação**, n. 14, v. 50, p. 27-38. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf

HOOKS. Bell. **Ensinando a Transgredir**: A Educação como Prática de Liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KRENAK, Ailton. **Vozes Da Floresta**. Le Monde Diplomatique Brasil. 2020. Disponível em: https://youtu.be/KRTJIh1os4w

MISSIONÁRIA. Bíblia. A. T. (Provérbios Cap. 2O, vers. 5.) **Revista Almeida Atualizada**. 2018.

MBEMBE. Achille. **Necropolítica**. Biopoder, estado de exceção, política de morte. São Paulo: N-1 Edições, 2018

NAUGLE, David K. **Cosmovisão**: A História de Um Conceito. Brasília, DF: Monergismo, 2002.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina. **Anuário Mariateguiano**. Lima: Amauta, v. 9, n. 9, 1997.

RANGEL, Sônia. Processos de Criação: Atividade de fronteira. Salvador: TFC-UFBA, 2006.

SIRE, James. **Dando nome ao Elefante**. Brasília, DF: Monergismo, 2004.

SCHAEFFER, Francis A. **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010.

TOLKIEN, J. R. R. **Árvore e Folha**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.